

MINISTÉRIO DA GUERRA
BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

CAXIAS E NOSSA DOUTRINA MILITAR

"Renovemos a Tática vigente e adaptemo-la às exigências da Guerra, enquanto não se cogita de uma Tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército e com a natureza de nossas Guerras."

(Caxias, Ministro da Guerra, 1855)

Major AMERINO RAPOSO FILHO

RIO DE JANEIRO — 1959

Major AMERINO RAPOSO FILHÓ

CAXIAS E NOSSA DOUTRINA MILITAR

"Renovemos a Tática vigente e adaptemo-la às exigências da Guerra, enquanto não se cogita de uma Tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército e com a natureza de nossas Guerras."

(Caxias, Ministro da Guerra, 1855)



1959



DUQUE DE CAXIAS

G.P.E.M.E. - LOUREIRO - 1726

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente estudo histórico-militar, feito em forma de síntese, é reprodução da Conferência realizada pelo autor na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, a 22 de agosto de 1958, em comemoração ao Dia do Soldado, e segundo determinação do Exmo. Sr. Gen Hugo Parnasco Alvim, Cmt. da Escola.

Representa modesta contribuição à verdadeira filosofia da Guerra dentro da Realidade Brasileira.

Contém, essencialmente, os diferentes aspectos que interferem com a vida do Patrono do Exército Brasileiro, como Chefe Militar e Comandante-Chefe na Guerra do Paraguai, assim como pretende configurar as implicações decorrentes, no domínio da Ciência e da Arte Militar.

Atendendo à solicitação de inúmeros camaradas no sentido de divulgar as idéias então expendidas, resolvemos editar o estudo que adiante se segue, e outro valimento não aspira, que não o de fixar alguns aspectos relativamente à Doutrina Militar Brasileira, assunto da mais alta relevância para nossas Fôrças Terrestres.

O AUTOR

PREFÁCIO

*"Le présent n'est jamais notre fin;
le passé et le présent sont nos
moyens; le seul avenir est notre fin."*

PASCAL (PENSÉES)

A conferência feita na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército pelo Major Amerino Raposo Filho, focalizando a contribuição de Caxias para a concepção da Doutrina Militar, que melhor convém ao Brasil, dá bom testemunho de esforços que se fazem em prol do fortalecimento de nossa Pátria. Infelizmente, nem sempre êsse labutar, tal melhor nos conviria na esperá das realizações práticas, dados os tumultos dos **individualismos** e de imponderadas ânsias de progresso, é aproveitado integralmente. Mas, dizia Foch: **nul effort est perdu...** De fato, dêles ficam as sementes que em momentos críticos germinam soluções convenientes, adequadas às circunstâncias características do momento... Circunstâncias decorrentes das imposições de nossa **geografia física** e complexo **sociológico**, em que se processam os acontecimentos, atuantes sobre homens de escol. É o que nos ensina a História.

Certamente, **hoje**, não se fará nenhuma Guerra como **outrora**, digamos mesmo de há um quarto de século passado, pois os **ambientes** e os **meios de ação**, diferem consideravelmente. Mas, hoje como outrora, a Guerra é sempre a ação do homem no terreno, utilizando o material de que dispõe. Consiste sempre em destruir o adversário do mais longe possível com o mínimo de perdas, tal como nos tempos homéricos. O que, portanto, para a conquista do bom êxito mais é mister, é a aquisição de capacidade de **ação consciente**, com pleno conhecimento dos **meios** e do **ambiente**.

Como consegui-la? Por certo, isto só é possível com **exercício metódico e perseverante**, orientado por uma inteligência convenientemente instruída, que reclama acurada meditação das ocorrências do passado; como, com os recursos disponíveis no seu tempo, reagiram no seu meio as personagens de escol. **Nil nuove sub sole...**

Tudo que existe deriva do que existiu antes e germina o que existirá depois... É isto que dá valor positivo aos registros da História, permitindo fazer-se uma **filosofia** capaz de orientar acertadamente as atividades humanas... É analisando como atuaram em bem do progresso, no momento em que viveram, as elites de ontem, que as de hoje podem produzir eficazmente, consideradas as modificações das condicionantes ambientais.

*

* *

O que vimos de dizer, mostra o interesse dos trabalhos da natureza dêste, que temos o prazer de prefaciar, elaborado por um elemento da juventude eficiente.

Caxias foi Chefe de escol e atuou em época de acentuadas transformações no mecanismo da Guerra. Soube utilizar os meios de que dispunha, dando-lhes uma **organização** apropriada ao seu melhor rendimento. Além disto, sabia escolher os chefes convenientes e lidar com êles tal qual eram, do que nos dá bom testemunho suas relações com Osório.

Ambos, Caxias e Osório, formam um conjugado exemplar. Desde que se encontram na **Guerra dos Farrapos**, até a luta contra Lopes, entendem-se sem nenhum desconchavo, Caxias como Chefe capaz e Osório como **subordinado**, inteligente, leal, ativo, e destemeroso. Um e outro, notadamente depois que Osório alcança o generalato, conjugam-se sem discrepância; não obstante serem formados e atuarem em ambientes políticos e sociais diferentes. Isto nos levou, de uma feita, ao estudarmos a concepção do patronato do Exército, a concebê-lo como devendo ser constituído pelas duas personagens: Caxias, simbo-

lisando o Chefe; Osório, o Exército (1). Ambos, formam um conjugado exemplar, cuja importância é testemunhada pelo fato de nada ser possível fazer-se envolvendo as Fôrças Armadas na tumultuosidade dos embates político-partidário-oportunistas de então, sem a plena aquiescência de um ou do outro, que, felizmente, embora de correntes partidárias diferentes, jamais se desentenderam. Foi sómente após o trespassse de um, Osório, em fins de 1879 e do outro, Caxias, em princípio de 1880, que tal fenômeno se tornou possível...

*

* *

A síntese da vida de Caxias, mostra-nos um militar atuante em bem da Pátria, antes de mais nada. De militar à la page dos progressos de sua época, tal qual nos testemunham suas reações na paz e na guerra, notadamente nas lutas contra Rosas e Lopes.

Na primeira, dá uma organização ao seu Quartel-General, que germinou mais tarde a do próprio Ministério da Guerra, e emprega as suas fôrças com o melhor rendimento, do que nos dá interessante informação o Capitão Sibe, em seu "Retrospecto da Guerra contra Rosas", como "testemunha ocular" (2).

Na segunda, além de sua concepção inicial, que bem focaliza o Major Raposo neste trabalho que prefaciamos, mostra invulgar capacidade de ação, conforme as circunstâncias, sem perder, jamais, sua idéia diretriz principal. Reorganiza o Exército, aparelhando-o convenientemente para o bom êxito das operações, isto depois de ter havido um desgaste considerável no período antecedente. Readapta seu Plano de Operações à realidade da situação...

A capacidade militar de Caxias é bem evidenciada nessa oportunidade. A situação, ao assumir êle as responsabilidades do Comando-Chefe, era precária. A luta, já decorridas a Ba-

(1) Rev Trim do IHGB n. 202.

(2) Rev Trim do IHGB n. 78.

talha naval do Riachuelo e a terrestre de Tuiutí, a primeira assegurando o predomínio estratégico e a segunda conquistando a base de partida para as operações decisivas, caíra numa fase de inoperosidade. Lopes tenta romper a crosta da base de partida, não o conseguindo felizmente...

As epidemias dominam as Fôrças Aliadas...

Tentam-se negociações de paz...

Mas, Caxias assume o comando e leva consigo de retorno, Osório à frente do 3º Corpo do Exército... Reorganizadas as fôrças, assegurado o funcionamento dos serviços, retoma a ofensiva em hábil manobra que o leva até Angostura, sem hesitações nem fracassos, apesar de certos momentos críticos...

*

* *

A atuação de Caxias como Chefe Militar é precioso acervo de ensinamentos concernentes ao **preparo** e à **utilização** das fôrças disponíveis para a Guerra, notadamente para nós brasileiros. A meditação sobre suas atividades práticas, no ambiente nacional e sul-americano, ensina-nos a reagir de conformidade com o que se vem criando no processo evolutivo da civilização. Ensina-nos a assimilar convenientemente o que há de novo e a utilizá-lo de conformidade com as circunstâncias nacionais.

Ele mostra, nas suas ações, estar à la page dos progressos do seu tempo; mostra havê-los compreendido e sabido aplicar, conforme o ambiente nacional, os nossos **homens e recursos**. Não **copia** ou **imita**, assimila e utiliza o que há de novo... Mas, um dos aspectos marcantes de sua personalidade de **Chefe Militar**, convém frisar, é, sem dúvida a capacidade de julgar o valor dos subordinados, utilizando-os convenientemente sem **enganos e ciúmes**, do que nos dão bom testemunho suas relações com Osório, militante em partidarismo político diferente do seu, e alguns que jamais aceitou no seu séquito profissional...

"Caxias é nossa Doutrina Militar", do Major Amerino Raposo Filho, é, sem dúvida, valorosa contribuição para o esforço que devemos fazer incessantemente, para, em caso de crise, havermos de improvisar o menos possível. Para sabermos utilizar com o maior rendimento os nossos principais recursos, o **homem** e o **terreno**, com os **parcos armamentos** que podemos **fabricar**... Hoje, na Guerra, não se luta com **homens** contra **material**, mas não se deve esquecer que é o homem que **fabrica** e **emprega** o material... Material, cujo rendimento depende da capacidade de **bem ajustá-lo ao terreno**...

O alcance e o poder **destruidor** das armas modernas, criaram para a Guerra condições tais, que levam a crer não mais haverá **vencedores**... Fazem pensar que a Guerra não tarda a ser eliminada dos costumes... Mas, até lá, é mister estar prevenido e saber como reagir... Saber reagir como fizeram os Caxias e Osório, na sua época. Sim, como actuaram eles na atualidade ?!

O **presente** nada mais é que um intermediário que liga o **passado** ao **futuro**. É meditando sobre o que ocorreu no passado, o porque e suas consequências, que se pode reagir acertadamente no presente em vista de melhor futuro. É meditando o que ensina a História e como actuaram as personagens marcantes do evoluir da **civilização**, que podemos operar em **ordem dinâmica**, na rota inexorável do progresso; sem tumultuosidades...

A História, disse um pensador, não foi feita para ser repetida; outro, pergunta: para que serviria ela se ninguém a soubesse aproveitar?

Alguns, que se dizem **homens experimentados**, desprezam as **teorias** ou **doutrinas**, julgando-as sem valimento para a ação prática. Justificam isto, lembrando o "de quoi s'agit-il?"... Esquecem que todos os fenômenos físicos e humanos obedecem a leis, cujo conhecimento forma as **teorias**, que regem as atividades, sejam ou não explicitamente conhecidas... O "de quoi s'agit-il", nada mais é que a **expressão corretiva** de errôneas teorias do **passado**...

Que se multipliquem, pois, a mais larga e profundamente possível, esforços semelhantes a este marcado pelo labutar do Major Amerino Raposo Filho, em sua meditação sobre os feitos de Caxias. É meditando o passado que a juventude do presente pode reagir sem graves erros no futuro, ao alcançar os altos topos da hierarquia militar.

Rio, Junho de 1959.

Cel Ref Ex J. B. MAGALHÃES

REFERÊNCIA DO EXMO. SR. GENERAL-DE-BRIGADA HUGO PANASCO ALVIM, COMANDANTE DA ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO À CONFERÊNCIA REALIZADA PELO AUTOR

.....

4^a PARTE — JUSTIÇA E DISCIPLINA

I — ELOGIO A OFICIAL

Realizou-se a 22 do corrente no Auditório da ECEME uma Sessão Cívica em homenagem ao Patrono do Exército, Marechal Duque de Caxias, em que foram focalizados aspectos importantes de sua vida e obra. Foi com grande satisfação e justo orgulho de quem moureja nesta Escola, que vimos o alto nível cultural militar em que o assunto foi pôsto pelo Major Amerino Raposo Filho, designado pela Seção de História Militar para o cumprimento de tão honrosa missão. O trabalho produzido foi excelente, no fundo e na forma e ilustrado com primorosa apresentação, revelando por parte do conferencista um acurado estudo e perfeito domínio da matéria, com conclusões pessoais muito justas. Tudo de forma elegante, altamente objetiva, honesta e profundamente sincera.

A Conferência do Major Raposo permaneceu no nível em que realmente devem permanecer os trabalhos da ECEME.

Felicito o Major Raposo pela excelência de seu trabalho, pelos conhecimentos revelados e pelo entusiasmo que soube transmitir ao auditório, através a fluência de suas palavras e conceitos emitidos. Agradeço-lhe pois, a cooperação prestada e louvo-o pelo brilho que soube imprimir à homenagem desta Escola ao Patrono do Exército. (Individual).

General Hugo Panasco Alvim,
Comandante

Confere com o original.

Arold Ramos de Castro,
Coronel, Subcomandante

(Transcrito do Boletim Escolar n. 117, de 27 de agosto de 1958.)

SUMÁRIO

- 1 — A Glória de CAXIAS
- 2 — CAXIAS Chefe Militar
- 3 — CAXIAS Cmt-Chefe na Guerra do PARAGUAI
- 4 — CAXIAS Inspirador de Nossa Doutrina
- 5 — Síntese Final
- 6 — Anexos

A GLÓRIA DE CAXIAS

Em consequência das fôrças verdadeiramente ciclópicas que atuaram na expansão do BRASIL COLONIAL, no sentido de W e do S, rompendo com uma fronteira de ficção, para projetar, aos ANDES e ao PRATA em caudais imensos, a torrente vertiginosa do gênio bandeirante, problemas da maior complexidade e perigo vão aflorar, logo vencida a inércia dêsse movimento de ampliação de nossos lindes — e durante êle — agravados por outros comportamentos da instabilidade geo-econômica, com a contribuição ponderável de fôrças externas, pela orla atlântica, assim como de pressões continentais.

E eis que, de permeio com o espantoso crescimento de nossas áreas geográficas e em sua decorrência principalmente, outros problemas mais graves vão surgindo como a desafiar os forjadores dessa expansão continental. São as invasões estrangeiras que, na sua alternada variação do ponto de aplicação do esfôrço, produzem necessariamente correspondentes conseqüências na vida administrativa do país. Depois, é o desequilíbrio político fazendo que o centro de gravidade da Colônia, no SALVADOR, oscile, ora para o N, no século XVII, ora para o S, e aí definitivamente, no meado do século seguinte, fixando-se no RIO DE JANEIRO.

Dir-se-ia que o BRASIL COLONIAL se mantinha em constante equilíbrio instável, que sua condição de dependência política fatalmente conduzia a soluções de emergência, de modo algum definitivas.

Como seria natural, quando se configura a maioridade política do Brasil, em 1822, com seu próprio advento emerge a imperiosa necessidade de conformar-se definitivamente nosso facies político, por ação agora, principalmente de fôrças centrífugas.

E vai a nascente democracia coroada enfrentar um sem número de lutas e dissensões internas; de início resultantes da própria ruptura violenta da tutela de PORTUGAL. Pouco depois, são as fricções ao S que novamente se pronunciam, com maior gravidade desta vez. Em seguida, como a comprometer de integral a Unidade Pátria, espoucam rebeliões, quase simultâneas, nas Províncias do MARANHÃO, de SÃO PAULO e das MINAS GERAIS. Tudo num quadro de gravidez mais ampla, que inspirado na inconformidade e nos êxitos iniciais dos farrapos.

Mas aí não se confinam as tentativas de anulação da obra verdadeiramente notável dos construtores da nacionalidade, daqueles que argamassam, no período colonial, uma estrutura unitária, por todos os títulos magnífica. Já agora, na segunda metade do século XIX, são ambições imperialistas que expontam, associadas ou em manifestação isolada, visando a comprometer a Soberania Nacional.

Srs.: Aí o exato sentido da glória de CAXIAS, e, sem dúvida alguma, a glorificação máxima que se lhe poderia conferir, justamente porque, vivendo na fase decisiva para os destinos de nossa Pátria, foi êle o Soldado valoroso, enérgico e audaz, o servidor leal e desambicioso; o Pacificador, que vencia harmonizando. O Chefe Militar prudente, talentoso e justo; o Político moderado e equilibrado, cuja paixão máxima seria a Defesa Nacional. Em síntese, o excelso Condutor de Homens que, em inúmeras oportunidades, durante toda sua vida, contribuiu decisiva e definitivamente para a preservação da Unidade Nacional, para a afirmação do BRASIL como potência de primeira plana na AMÉRICA DO SUL.

Contemporâneo da quadra mais agitada de nossa evolução política no cenário platino, atuou de maneira decisiva no sentido de contribuir para a estrutura definitiva do Estado Brasileiro. Graças à sua espada sempre vitoriosa, pôde conformar-se a moldura da epopéia bandeirante; restabeleceu-se o equilíbrio platino, que esmagados ficavam os sonhos imperialistas. Em decorrência de sua atuação ímpar

no panorama militar e político do Império, asseguraram-se as bases para o estabelecimento de uma Doutrina de Política Externa para o BRASIL, tão magnificamente conduzida por RIO BRANCO, pouco depois.

Finalmente, Srs., intentamos denunciar um ângulo novo da personalidade singular de nosso Patrono, a nosso ver o mais importante a nós que nos destinamos à preparação das Fôrças Armadas para as guerras que tenhamos de enfrentar. Queremos referir-nos à sua contribuição magnífica ao estabelecimento das Bases, à formulação da Doutrina Militar Brasileira, que o estudo e a meditação profundos de sua longa atuação nas Revoluções e nas Guerras de que o País participou, no domínio da Tática e da Estratégia Operacionais, a tal nos conduz. De seu comportamento como Chefe Militar e Cmt-Chefe poderá fluir a inspiração doutrinária que carecemos, que nos convém, autênticamente nacional.

Esta, pensamos, a melhor forma de significar, a auditório tão respeitável e patrioticamente preocupado com os problemas da Segurança e da Defesa Nacional, nossa homenagem e nossa admiração ao maior Soldado do BRASIL.

CAXIAS CHEFE MILITAR

- 1 — Coragem e Bravura
- 2 — Atividade e Velocidade
- 3 — Surpresa e Audácia
- 4 — Disciplina e Lealdade

O que mais impressiona ao estudioso da vida de CAXIAS é o conjunto de virtudes militares que ornam sua personalidade, fazendo-o "símbolo da firmeza e da ordem", êle que "era olímpico na integridade do seu caráter e na inteireza de sua brasiliade". Não sabemos que mais realçar nessa figura realmente notável: se a audácia e a temeridade, que "como em TURENNE, cresciam com a idade", ou a dignidade do seu comportamento equilibrado, prudente, sobretudo leal e desinteressado, que dizendo com os elevados interesses do Império, a que serviu durante toda sua vida com absoluta fidelidade e fé cristã. A firmeza de atitudes e a manutenção da ordem nêle se contêm, com esplendor. Porém, além de admirável senso estratégico, é precisamente o aspecto que interfere com a percepção tática e a intervenção oportuna, que mais se destaca nesse valoroso soldado. E aí está a incrível velocidade que imprimia às suas tropas para uma ação decisiva, de surpresa. A audácia e a energia que sabia emprestar às suas ações respondem, por outro lado, pelos êxitos retumbantes que alcançava no combate. E, às vezes, sem mesmo combater.

I — CORAGEM E BRAVURA

Durante sua longa e brilhante carreira militar, demonstrou CAXIAS possuir em alta dose uma coragem física e moral, que estimulava os gestos mais desprendidos da bravura e do sacrifício voluntários. Assim inicia o jovem Tenente LUIZ ALVES, aos 20 anos, quando comandava a tropa que assaltou a casa forte, na BAHIA, por ocasião das lutas pela Independência. Na parte Oficial do combate se lê: "na primeira ação (o Ten LUIZ ALVES), à testa de uma Cia atacou uma casa forte, onde o inimigo estava entrincheirado

e o fêz retirar com perdas, perseguindo-o até o meter nas suas linhas. Nos dias de fogo, comparecia nos lugares de maior perigo, mostrando sua exemplar bravura".

Pouco depois, já Capitão, não é menos dignificante sua conduta nas lutas da CISPLATINA, em 1827, onde teve oportunidade, num golpe de audácia e sangue frio, de apoderar-se de um lanchão, depois de neutralizar os homens que iam operá-lo e regressa, pela manhã, a MONTEVIDEOU. Ainda na CISPLATINA, merece referência o golpe de mão, de extrema ousadia, que o futuro Duque lançou nos cavalarianos de PAUNERO.

Muito mais tarde, CAXIAS renovaria seus atos de bravura, na guerra contra ROSAS. Assinala BORMAN que "um dia, mete-se com o Almirante GRENfell a bordo do vapor "AFFONSO"; singra para o pôrto de BUENOS AIRES, onde penetra à vista da esquadra inimiga e navios de guerra estrangeiros; manda fundear nas vizinhanças de PALERMO, residencial do fero ditador ROSAS, e aí se conserva mais de 5 horas, empregadas em sondar o ancoradouro, ante a admiração dos estrangeiros e o terror do inimigo, por semelhante ato de ousadia". Mas aí não se detém a bravura e a coragem de CAXIAS. Quando Cmt-Chefe dos Exércitos Aliados, já em avançada idade, eis que, sentindo encarniçada a resistência do inimigo em ITORORÓ, lança-se heróicamente à frente de seus homens, arrastando-os a todos. E não contava 27 anos como NAPOLEÃO em ARCOLE, nem os 50 de CEZAR em MUNDA, Srs.! CAXIAS entrava pelos 65 anos, quando magnetizou seus soldados com o legendário "SIGAM-ME OS QUE FOREM BRASILEIROS".

2 — ATIVIDADE E VELOCIDADE

Com que resistência e energia portava-se CAXIAS em campanha, basta transcrever o que a seu respeito assinala o Padre JOAQUIM PINTO DE CAMPOS: "mesmo em campanha é êle sempre o primeiro a levantar-se, tendo por uso percorrer logo o acampamento, não havendo um só dia que

deixe de visitar os postos avançados. Toma em seguida uma parca refeição. Despacha. Tudo examina por si, tudo providencia. Aplica todos os momentos à mais acurada disciplina, a mais cautelosa vigilância, sendo isso a que se deve nunca, em cinco campanhas, haver sido uma só vez surpreendido".

"Velocidade, velocidade, atividade" não configurava unicamente a maneira de operar napoleônica, principalmente visando a concentrar os meios para o combate decisivo. Não, que CAXIAS demonstrou, de modo exuberante, o valor da rapidez nos deslocamentos. Assim foi no movimento que realizou do RIO a OURO PRÊTO, para reprimir a rebelião de MINAS GERAIS, um feito realmente notável para a época. "No dia 23 de julho de 1842 chega à Corte, depois de ter feito uma longa viagem a cavalo, de SÃO PAULO a PARATI. Na noite do mesmo dia janta com o Imperador. O dia seguinte aproveita para ultimar preparativos de viagem e, no dia 25 isto é, 48 horas depois de ter chegado ao RIO, parte para a fronteira de MINAS GERAIS. Quatro dias depois chega a VASSOURAS, tendo perdido muitas horas em conferência com o Marquês de PARANÁ, então na cidade de PARAÍBA DO SUL. No dia 1 de agosto, seis dias após sua partida do RIO, chega a BARBACENA. A 6 do mesmo mês, está na capital mineira, tendo feito o trajeto RIO — OURO PRÊTO em 11 dias. É um recorde absoluto, alcançado por meio de marchas forçadíssimas, galgando 1.100 metros de altitude, percorrendo invios e difíceis caminhos" (AFONSO DE CARVALHO).

Não menos impressionante foi a rapidez do movimento efetuado na operação anterior contra os revoltosos de SOROCABA. Vinte e quatro horas depois de sua nomeação, lança-se CAXIAS para SÃO PAULO, praticamente sem recursos, mas apelando para a rapidez em benefício da surpresa, que lhe vai proporcionar vantagem de posição decisiva, impedindo qualquer reação organizada dos insurretos. Com apenas 400 recrutas, antecipa-se aos 3.000 homens, galgando a

serra de SANTOS e precedendo-os em CUBATÃO, prosseguindo pouco depois para SOROCABA e aí extirpando o foco rebelde.

3 — SURPRESA E AUDÁCIA

Já vimos como a Surpresa preponderou nos movimentos do RIO sobre SOROCABA e, logo a seguir, do RIO com destino a OURO PRÊTO. Verdadeiros raides, onde até a guerra de nervos foi utilizada, quando CAXIAS, ao atingir SANTOS com suas 400 praças, expede circular às estações paulistas determinando-lhes preparar rações para 3.000 homens, lançando o pânico nas fileiras adversárias.

Mais tarde, na Revolução Farroupilha, durante praticamente dois anos de luta, vamos encontrar a surpresa e a audácia como características dessa campanha. Em espetacular transposição do SÃO GONÇALO com 1.800 homens e 5.000 cavalos, para reunir-se ao grosso dos legalistas em CACHOEIRA, desliza CAXIAS entre a serra de TA PES e a margem esquerda da Lagoa dos PATOS, iludindo completamente aos farrapos. Em toda a campanha o que se viu foi, em última análise, o apêlo ao cérco e à perseguição, a audácia, o risco calculado, a surpresa enfim.

4 — DISCIPLINA E LEALDADE

A vida de CAXIAS confunde-se com a da própria Pátria, desde seus primeiros passos na carreira das armas, nunca poupando sacrifícios em bem dos elevados interesses nacionais. Sobretudo, jamais temeu o risco da responsabilidade pelas atitudes assumidas em defesa da Lei e da Ordem, sempre se mantendo digno da confiança nêle depositada quando o BRASIL Independente lhe conferiu a alta honraria de receber o estandarte nacional.

A disciplina e a lealdade, atitudes que integram com destaque a Honra Militar, nêle tiveram a verdadeira sublimação, única forma de servidão humana, que a dignidade

exalta, ao invés de repelir: o Dever para com a Pátria. Foi um Soldado e um Chefe disciplinado e disciplinador. Néle Disciplina e Lealdade enfeixavam-se, culminando em atos de união, jamais de separação. Geravam confiança, não prevenção e ressentimentos; propiciavam clima sadio de compreensão e harmonia, no sentido que convinha à Defesa das Instituições, da Lei e da Ordem.

A lealdade de Caxias ao Imperador é de todos conhecida. As tropas se preparavam para depor D. Pedro I, colocando-se em estado de rebelião; as Unidades saíam dos quartéis para o CAMPO DE SANTANA e até seu pai se pronunciava revolucionário, no propósito de derrubar o Governo. Nessa crise, como se conduz o futuro Duque, pois seu próprio Btl, do qual era Subcmnt, estava revoltado? Mantém-se absolutamente fiel e leal a seu Chefe Supremo, com plena consciência, embora da magnitude do drama que se vivia e das responsabilidades pela atitude assumida. E, mais, quando D. Pedro I desanima, por julgar inútil qualquer reação — evitando assim derramamento de sangue inglório — é ainda CAXIAS, um Major apenas, vêde bem Srs, quem insiste, apresentando sugestões para imediata execução, no sentido de subjugar a revolta.

Que exemplo magnífico para caracterizar a floração exuberante do sentimento de lealdade, que representava para CAXIAS, inclusive, um comportamento interior, de pensar, de agir, de coerência de atitudes e de pensamento. De atuação principalmente, de reciprocidade.

CAXIAS COMANDANTE-CHEFE NA GUERRA DO PARAGUAI

- 1 — Planejamento para a Ofensiva
- 2 — Batalha de HUMAITÁ
- 3 — Batalha do PIQUICIRI

I — PLANEJAMENTO PARA A OFENSIVA

a) Situação Geral:

Quando CAXIAS assumiu o comando geral das Fôrças Brasileiras e chegou a TUIUTI a 18 de novembro de 1866, o quadro geral da guerra, estratégico e tático, assim se configurava:

(1) Estratégico (Esbôço n. 1):

Com a extraordinária vitória aliada na Batalha do RIA-CHUELO, travada no início das operações, estava ganha a Guerra, do ponto de vista estratégico e isso porque a situação de mediterraneidade do PARAGUAI fazia que êle dependesse, de modo absoluto, da via potâmica PARAGUAI — PARANÁ, que agora estava bloqueada. Gozavam os Aliados, pois, de plena liberdade de ação para executar a Estratégia Operacional Militar por meio de Batalhas que conduzissem à posse de ASSUNÇÃO, sede do Poder Político paraguaio. Todavia, um objetivo intermediário avultava pela importância no quadro da Manobra Ofensiva a desenvolver-se, sobretudo pela posição: HUMAITÁ.

(2) Tático:

No campo tático o panorama era, contudo, completamente diverso e isso porque:

- a calha do rio PARAGUAI constituía, sem dúvida, o centro de gravidade das operações militares;
- a posse de HUMAITÁ era imprescindível ao prosseguimento para o N;
- muito pouco fizéramos no sentido de destruir as fôrças adversárias ou anular sua capacidade de luta,

embora houvesse um saldo favorável de algumas batalhas;

- na realidade, há pouco desembarcáramos em território paraguaio e estávamos de posse, apenas, de uma cabeça-de-ponte, conquistada e consolidada embora;
- em última análise, nossas possibilidades de manobra ao S do território paraguaio estavam condicionadas pelo espaço operacional, definido pelas regiões do CURUZU, ITAPIRU, TUIUTI e PASSO DA PATRIA, que balizavam a orla da cabeça-de-ponte no rio PARANÁ ;
- o terreno no interior e ao N da cabeça-de-ponte era completamente desfavorável: desconhecido, insalubre e alagadiço, o que, agravado pela pequena área em nosso poder, ensejava ações ofensivas do adversário, que seu excelente moral a isso certamente conduziria, já que seu território fôra invadido;
- o inimigo apoiava-se, agora, no chamado “quadrilátero”, área fortificada que compreendia, principalmente, as regiões de CURUPAITI e HUMAITÁ, a dominar completamente o rio PARAGUAI.

Enquanto os Aliados reajustam o planejamento para prosseguir a ofensiva, eis que são obrigados a travar a Batalha defensiva de TUIUTI, onde os paraguaios, mais surpreendidos que os atacados, sofrem tremenda derrota.

Que se passa depois? Em consequência da má estrutura do Comando Aliado, sem unidade de comando, o que agrava dissensões e suscetibilidades entre os Chefes Militares, enfraquecendo a autoridade do Cmt-Chefe, muito comprometida por sinal, a Estratégia Operacional Militar sofrera, como seria natural, muitas flutuações. Assim é que:

- o Plano de Operações prescrevia, como vimos, a posse de HUMAITÁ e ASSUNÇÃO ;

- HUMAITÁ seria atingida desbordando-se o "quadrilátero" por E e caindo sobre o flanco adversário pelo N do ESTERO ROJAS.

Devido à falta de cavalaria, arma fundamental para semelhante manobra, evoluiu MITRE para um desbordamento das posições fortificadas por W, conjugando-se a atuação das Fôrças Terrestres com a Marinha, desembarcando para isso um CEx em CURUZU, para dominar a defesa por um ataque frontal, que foi realizado, culminando em completo fracasso.

(3) Em síntese, é essa a situação das Fôrças Aliadas, terrestres e navais, com as operações estabilizadas, quando CAXIAS assume o Comando-Chefe das Fôrças Armadas no BRASIL, isto é:

- Exércitos aliados detidos face à linha CURUPAITI — ESTERO ROJAS, com o flanco W e a retaguarda apoiados no rio PARAGUAI, tendo ainda a E e ao S o rio PARANÁ como cobertura;
- a Fôrça Naval inteiramente bloqueada no rio PARANÁ face a CURUPAITI ;
- desarmonia entre os Chefes Militares, o que se refletia profundamente no moral dos quadros e da tropa, já deprimido pelo desconforto e ociosidade;
- estado disciplinar muito baixo, que se agravaava enormemente pela situação de frente estabilizada, produzindo reflexos na capacidade combativa das unidades;
- Apoio logístico precário e muito deficiente, em completa desordem mesmo.

b). Plano de Operações:

Em última análise, as operações ao S do PARAGUAI viriam sendo conduzidas dentro do quadro estratégico esboçado por CAXIAS, logo ao irromper a guerra, a 25 de ja-

neiro de 1865, a pedido do Ministro da Guerra. Convém fixar esse plano, antes de prosseguirmos no estudo, pois aí se observa com que realismo e objetividade CAXIAS encarava a Conduta da Guerra contra o PARAGUAI, em seguida à invasão empreendida por LÓPEZ, de surpresa, a MATO GROSSO e ao RIO GRANDE DO SUL.

Fôra-lhe submetido o seguinte questionário por BEUREPAIRE ROHAN, Ministro da Guerra de então, no sentido de que a resposta configurasse idéias relativas à Organização do Exército e a um Plano de Campanha:

“1º — A que número de praças deveremos elevar nosso Exército, em relação à guerra com o Estado do PARAGUAI ?

2º — Quais os recursos de que devemos lançar mão para que êsse Exército se possa organizar com presteza ?

3º — Qual o melhor Plano de Campanha a adotar-se para assegurar o triunfo de nossas armas ?

4º — Se acha conveniente que os corpos que vão chegando das províncias do norte sigam imediatamente a se reunirem ao Exército em operações, ou se convém antes demorá-los na Côrte para serem convenientemente exercitados ?

Além dêsses quesitos, espero que V. Exa. me comunicará qualquer idéia sua que possa interessar a nossos preparativos de guerra, quer em relação ao ataque, quer em relação à defesa de alguns pontos da nossa fronteira.”

Vejamos a resposta de CAXIAS (Esbôço n. 1):
“Julgo que convém dividir o Exército em três colunas, ou Corpos de Exército, devendo o principal marchar por PASSO DA PATRIA no PARANA, pela estrada mais próxima e paralela ao

rio PARAGUAI, combinando seus movimentos com as fôrças de MATO GROSSO, as quais deverão perseguir o inimigo que tiver invadido a Província até a linha do APA, esperando aí as ordens do General Cmt-Chefe do Exército do Sul, para, de acordo com êle, descer até onde convier. E a outra coluna, que não deverá ser menor que 6.000 homens, marchará por S. PAULO com direção à Província de MATO GROSSO, fazendo junção com as fôrças que já guarnecem aquela Província, as quais calculo em 4.000 homens. Esta coluna deverá operar por MIRANDA com o fim, não só de assegurar as cavalhadas e gado que existem por êsse lado, como para obrigar o inimigo a distrair fôrças de sua base de operações, e facilitar assim a entrada do grosso do nosso Exército que deve invadir pelo lado de HUMAITÁ. Uma outra coluna ou CEx deve chamar a atenção do inimigo pelo lado de S. COSME, ITAPUA ou SÃO CARLOS, para que, não só não possa êle cortar-nos a retirada pelo PASSO DA PÁTRIA, no caso de revés no HUMAITÁ, como para que não convirja com tôdas as suas fôrças sobre êsse ponto quando atacado pelo nosso Exército. Este movimento deverá competir às nossas fôrças que guarnecem a fronteira de SÃO BORJA e deverão constar, pelo menos, de 10.000 homens, das três armas, e ser bem comandadas."

Portanto, a Estratégia Operacional em curso, já consubstanciada por MITRE na "marcha pela direita, procurando por meio dela o flanco esquerdo do inimigo, e por aí atacá-lo", nada mais era que a execução do plano proposto por CAXIAS.

c) Preparativos para a Ofensiva:

A reorganização a que foram submetidas as Fôrças Aliadas, após a assunção do comando por CAXIAS, evidenciam aspectos realmente notáveis do nosso patrono como

Chefe, interferindo diretamente com os problemas relativos ao apoio logístico, à instrução e à disciplina da tropa. Ai se reflete, na plenitude, a figura do Administrador. Sua atividade faz-se sentir já durante a viagem para o TO. Hospitais, depósitos e outras instalações escalonadas na extensa linha de transportes foram reorganizados.

No acampamento da cabeça-de-ponte aliada foram inúmeras as providências tomadas por CAXIAS durante os longos meses de estabilização das operações. A cavalaria mereceu especial atenção, pois "toda a cavalaria estava apeada e os 3.000 cavalos existentes não estavam em bom estado". Os CEx e as Unidades, de modo geral, foram reestruturadas, de vez que, com relação aos 1º e 2º CEx, verificou CAXIAS que apresentavam características de organização diversas e "pareciam pertencer a duas Nações distintas, tais eram as disparidades que nêles se notavam". Foi dado grande relevo à instrução dos quadros e da tropa, principalmente no que dizia com a instrução de combate e serviço em campanha, destacando-se neste particular o judicioso aproveitamento do terreno e o emprêgo da pá e da picareta na Organização do Terreno.

As comunicações também merecem especial cuidado, tanto que foram feitas instalações elétricas e encomendaram-se dois balões para observação, o que muito facilitou o planejamento dos EM. A parte relativa à evacuação e suprimentos recebeu novo impulso, além das providências tomadas quanto à linha de transportes. Instalaram-se arsenais e depósitos na área de operações e outros hospitais foram abertos. Além disso, promoveu-se a aquisição de cavalos e mulas, aumentando-se também o estoque de milho e alfafa. Finalmente, o moral da tropa mereceu carinho especial do Comando-Chefe, visando a elevá-lo e melhorar o estado disciplinar, que era desolador. Instalaram-se, nesse sentido, teatros, casas de diversões, levantou-se uma igreja e até organizada foi uma Chefia de Polícia ao comando de um Tenente-Coronel.

d) Conclusão:

Com tais providências, de toda a ordem, estava CAXIAS em condições de retomar a ofensiva, desta vez fulminante e que só iria terminar com a vitória final sobre o adversário.

As operações vão ser concebidas dentro da realidade geográfica do TO; a liberdade de ação para o Chefe fôra assegurada pelas Fôrças Navais em RIACHUELO. Cabia às Fôrças Terrestres, de agora em diante, o papel decisivo no sentido de aniquilar o poderio militar do adversário. Mas havia, para tal mister, que reestruturar fundamentalmente aquêle conjunto de fôrças tão heterogêneo e cujo moral já estava bastante comprometido, e imprimir maior capacidade combativa às unidades, tarefa a que CAXIAS se consagra, por completo.

Aí está uma das principais facetas da personalidade extraordinária do nosso Patrono. Em alta dose nêle se continha o planejador, o organizador por excelênci, o administrador em suma, que não se preocupava com o tempo aproveitado na reorganização e treinamento das fôrças para a batalha decisiva.

2 — BATALHA DE HUMAITÁ

a) Situação Geral (Esbôço n. 2 e Calco n. 1):

O quadro já é conhecido quando resumimos, estratégica e taticamente, as operações no TO à chegada de CAXIAS. Contudo, merece destacar que, com a longa estabilização das operações, não só os paraguaios desenvolveram esforço sobre-humano no sentido de melhorar o "quadrilátero", ampliando as organizações defensivas, aprofundando mesmo a defesa, como, da parte dos aliados, como vimos, as fôrças estavam completamente reorganizadas. Nesse ambiente é, pois, que vai travar-se a primeira batalha de CAXIAS, mais conhecida como Manobra de HUMAITÁ ou Primeira Marcha de Flanco.

b) Plano de CAXIAS (Calco n. 1):

Embora o plano original de CAXIAS para a conduta da Guerra ainda permanecesse em suas linhas gerais, contudo teria de sofrer, como seria natural, as adaptações necessárias, que resultantes do exato conhecimento da região de operações e, principalmente, da situação que se configurava no momento. Dêste modo far-se-ia um largo desbordamento, pelo Corpo de OSÓRIO o qual, depois de desembarcar no Alto PARANÁ, marcharia na direção de ITAPUA, passando por AGUAPEÍ, o que iria enfraquecer de muito as posições inimigas de TUIUTI e CURUPAITI. Tal concepção só não será completamente executada, em virtude da ocorrência de fatores adversos. Daí ter OSÓRIO desembarcado no PASSO DA PÁTRIA e marchado juntamente com o grosso visando TUIU-CUÉ.

Porque CAXIAS deu ênfase ao papel das Fôrças Terrestres nessa manobra, não operando como entendia MITRE? Pensava CAXIAS, e acertadamente, que:

- agora era o momento de procurar a decisão com as Fôrças Terrestres, principalmente, dada a situação do dispositivo defensivo do inimigo;
- compensaria tentar o domínio de CURUPAITI e HUMAITÁ por uma manobra central de ruptura? E se, por sorte, levassem de vencida os paraguaios nessa fase, "para onde seguir depois com a mesma: para ASSUNÇÃO, deixando à retaguarda, às margens do rio, o exército inimigo quase incólume?"

E vinga a idéia de CAXIAS, de atuar principalmente pelo flanco, pois dizia êle em carta ao Visconde de RIO BRANCO, a 6 de abril de 1867:

"Na minha frente estão 20.000 inimigos magistralmente colocados e fortificados. Seria um louco e colheria uma derrota certa se os acometesse num ataque frontal. Teria de contar, sómente, com as fôrças terrestres; os bombardeamentos da esquadra têm incomodado o inimigo, mas não produzem efeito correspondente à bulha que fazem. Fortificações de terra refazem-se no intervalo de horas e CURUZU está hoje no mesmo estado em que se achava antes dos bombardeamentos. Tudo mais são ilusões". Passando a explicar a necessidade de executar a manobra de flanco, acrescenta: "porque estas fortificações só por terra podem ser tomadas e isto por meio de manobras que obriguem o inimigo a abandoná-las. Enquanto isso, pretendo que a esquadra force HUMAITÁ e procure colocar-se acima da posição, para cortar os transportes por água com a capital inimiga."

A missão das Fôrças Aliadas continuaria então em curso de cumprimento e caracterizada pela conquista da região de HUMAITÁ, com a finalidade de permitir o acesso das Fôrças Terrestres e Navais ao coração do PARAGUAI, única forma de se atingir o objetivo geral da guerra, que era esmagar as Fôrças de LÓPEZ.

Quais as possibilidades que o inimigo poderia oferecer para impedir o cumprimento de nossa Missão? Poderíamos resumir dizendo que as Fôrças de LÓPEZ eram capazes de:

- continuar defendendo em boas condições o "quadrilátero", principalmente as regiões de HUMAITÁ e ROJAS — SAUCE;
- atacar nas direções SAUCE — TUIUTI e PASSO POCU — S. SOLANO;
- defender ainda a região de PASSO POCU;
- retrair-se para o N e, nesse caso, apresentar novas linhas de defesa nos cortes do TEBICUARI e PIQUI-CIRI.

Eram, evidentemente, de preocupar a CAXIAS tais possibilidades, de vez que o inimigo dispunha no interior de suas posições de 25.000 paraguaios, que os aliados iriam enfrentar com apenas 39.000 homens. Acresce que as organizações defensivas eram muito boas, extensas trincheiras ligavam as diversas regiões e fôra prevista a defesa em tôdas as direções. A linha de transportes balizada por TAYI — S. SOLANO garantia um fluxo de suprimentos contínuo com o interior do país, o que aumentava, sem dúvida, as possibilidades de resistência. Outro ponto que certamente preocupava o Comando Aliado, dado o precedente de TUIUTI, era que LÓPEZ poderia decidir-se por um comportamento nítidamente ofensivo, seja atacando mais uma vez na direção de TUIUTI, seja abandonando suas posições para uma batalha campal, a E, quando nossas fôrças estivessem executando o desbordamento da posição.

Para fazer face a tudo isso, CAXIAS decide atuar com seus três CEx (o 2º CEx, que estava em CURUZU, o 1º CEx, em TUIUTI; e, o 3º CEx, de OSÓRIO, recentemente chegado a PASSO DA PÁTRIA), au-

xillados pela Esquadra (que fazia frente a CURUZU), realizando a manobra em duas fases, dada a necessidade de complementar o estudo do terreno e conhecer a verdadeira situação do inimigo ao N do Esquadrão ROJAS. Deste modo, resolve CAXIAS:

- num primeiro tempo desbordar, por E, a posição defensiva paraguaia, levando o grosso das forças para TUYU-CUÉ;
- em seguida, consoante o comportamento do inimigo:
 - atacar a posição de ROJAS, pela retaguarda, em ligação com o grupamento que fazia face a TUIUTI e, depois, cercar HUMAITÁ;
 - proceder diretamente ao cerco de HUMAITÁ, caso a linha do ROJAS não estivesse defendida;
 - finalmente, destruir o inimigo numa batalha campal decisiva, atacando principalmente na direção E-W e, também, na direção S-N, na hipótese de LÓPEZ abandonar o quadrilátero para enfrentar os aliados a E de HUMAITÁ. Quanto à Esquadra, decidiu ainda Caxias que:
 - guardasse a posição de CURUZU, enquanto o inimigo permanecesse em CURUPAITI;
 - subisse o rio PARAGUAI, logo que o Exército ultrapassasse ROJAS;
 - ultrapassada HUMAITÁ, estabelecesse ligação com as forças terrestres nas margens do rio e cortasse a retirada do inimigo no TEBICUARI.

c) Execução da Batalha (Esbôço n. 2 e Calco n. 1-A):

A 22 de julho de 1867 CAXIAS — agora no Comando Supremo das Forças Aliadas, que MITRE se retirara para a ARGENTINA, desde fevereiro, a resolver problemas de política interna — inicia a manobra de flanco, "passados 14 meses da batalha de TUIUTI, cerca de 11 meses após o combate de postos avançados de CURUZU e precisamente 10 meses de-

pois da fracassada ofensiva com ação principal em CURUPAITI". A marcha é iniciada pelo S do Estero BELACO, dirigindo-se por TIO DOMINGOS para a região de primeiro destino a N do Estero BELACO, onde o grosso devia articular-se. O movimento se processa sem maiores dificuldades, seguindo como vanguarda da coluna o 3º CEx de OSÓRIO, que se fazia preceder da DC de MENNA BARRETO, e tinha a segui-lo o 1º CEx já sob o comando de ARGOLLO, substituto de POLIDORO. Enquanto a coluna principal seguia pelo S do Estero, pelo N marchavam os destacamentos argentino e uruguaios, aquele ao comando de GELLY Y OBES e, este, comandado pelo Gen HENRIQUE CASTRO. Para a fixação em TUIUTI ficara o 2º CEx de PÔRTO ALEGRE, que iria garantir a base de operações e a linha de transporte dos Exércitos Aliados. Enquanto isso, a Esquadra cumpria o que lhe fôra prescrito, no sentido de ficar atenta aos movimentos do grosso, ficando em condições de atuar, por iniciativa de seu Cmt, JOAQUIM INACIO, tão logo julgasse oportuno.

Após a Vanguarda recalcar as resistências que cobriam os passos do ESPINILHO e do ANGOLO, repelindo-as para o interior da posição, o grosso das Fôrças Terrestres atingiu a 31 de julho a região de TUIU-CUÉ, onde acampou, depois de um penoso percurso de cerca de 40 km, através caminhos entrecortados de esteros e pântanos. O 3º CEx desdobrou-se face aos passos do ESPINILHO e do ANGOLO, ficando o destacamento argentino à esquerda. Enquanto isso, parte do 1º CEx estacionava em S. SOLANO.

No dia seguinte ao da chegada das fôrças a TUYU-CUÉ, MITRE, que já regressara de BUENOS AIRES, reassumiu o Comando Supremo, fato que vai produzir reflexos sensíveis no curso das operações. Enquanto CAXIAS entende como melhor solução o sítio ao "quadrilátero", em face dos últimos reconhecimentos, MITRE discorda. Prefere, antes do sítio, um reconhecimento mais detalhado das fortificações no flanco E e de HUMAITÁ, o que, evidentemente, importaria em muita perda de tempo, não concordando CAXIAS com isso. Ainda mais: era intenção do general argentino que a Esquadra

atuasse, mesmo isolada, subindo o rio PARAGUAI, pensamento contrário ao do nosso general, que aceitou a proposta de JOAQUIM INACIO, no sentido de uma atuação mais prudente, em consonância com as Fôrças Terrestres.

Afinal, a Esquadra realizou o forçamento da passagem em CURUPAITI, a 15 de agosto de 1867, indo fundear face a HUMAITÁ, ficando entre os fogos desta fortaleza e os de CURUPAITI, que lhe ficara pela retaguarda.

Prosseguindo as Fôrças Terrestres em suas operações, a 20 de setembro elementos do 1º CEx atingiram PILAR e reconhecimentos seus foram lançados até TEBICUARI. A 2 de novembro TAYI era dominada, ficando a navegação do rio barrada nessa região. No dia seguinte os paraguaios, já em situação grave, apelam para a solução que seria muito comum durante a 2ª Grande Guerra no TO russo: tentam romper o cérco, por meio dum ataque violento às posições de TUIUTI. Embora de elevado alcance estratégico, pois poderia cortar as linhas de transportes aliados, além da posse de nossa base de operações, todavia o valor de PÔRTO ALEGRE fêz que abortasse tão audaciosa manobra de LÓPEZ, que nos obrigaria a uma batalha com a frente invertida, extremamente perigosa para os aliados.

As conseqüências imediatas dêsse segundo ataque a TUIUTI não se fizeram sentir e se traduziram pelas seguintes providências de LÓPEZ:

- preparativos para evacuar o “quadrilátero” (a maioria dos canhões de SAUCE, CURUPAITI, ROJAS e PASSO DO ANGOLO foi removida para o interior de HUMAITÁ, para as trincheiras mandadas construir em PASSO POCU);
- transformou as regiões desguarnecidas em simples linhas de vigilância;
- mandou construir as fortalezas do TIMBÓ e do ESTABELECIMENTO, à margem do rio, com a finalidade de assegurar a retirada do seu Exército para o N.

Com o regresso definitivo de MITRE à ARGENTINA, a 13 de janeiro de 1868, CAXIAS assume o Comando Supremo e vai imprimir um sentido realmente extraordinário às operações. Assim é que, ao amanhecer de 19 de fevereiro, a Esquadra forçou e venceu as defesas de HUMAITÁ e do TIMBÓ, chegando a TAYI, aí se ligando às Forças Terrestres no mesmo dia que CAXIAS conquistava ESTABELECIMENTO.

A situação era desesperadora para o inimigo, pois 3 navios já tinham chegado a ASSUNÇÃO. Havia que evacuar HUMAITÁ, o que foi feito a 3 de março, fugindo LÓPEZ com 12.000 homens através do CHACO para o N. Deixou BARRIOS, RESQUIM e BRUGUEZ defendendo as posições, sendo que ao Cel ALEN conferiu a defesa de HUMAITÁ.

CAXIAS ordenou, em consequência, o ataque às linhas do ROJAS e de TUYU-CUÉ, de PASSO ESPINILHO até o PASSO ANGOLO, numa ação convergente sobre o PASSO POCU, o que obrigou o inimigo a retirar-se, dum só lanço, para o recinto de HUMAITÁ, sem retardar os aliados.

Com isso HUMAITÁ foi cercada; o 2º CEx, de ARGOLO, ficou a SW do PASSO BENITEZ; o destacamento argentino ocupou PASSO POCU; e o 3º CEx, de OSÓRIO, acampou em PARE CUÉ.

No propósito de impedir a fuga da guarnição de HUMAITÁ, pelo mesmo eixo utilizado por LÓPEZ, mandou CAXIAS que fosse cortada, por dois destacamentos, a retirada dos 10.000 paraguaios, a quanto montava o efetivo da tropa inimiga cercada. Um destacamento de brasileiros partiu de ESTABELECIMENTO e, depois de atravessar o rio PARAGUAI, desembarcou na outra margem. O outro, constituído de argentinos, partindo de CURUPAITI, atravessou o rio PARAGUAI e desembarcou mais ao N, reunindo-se os dois destacamentos em ANDAÍ, cortando assim a retirada dos paraguaios. Depois de várias tentativas do inimigo visando a romper o círculo, para o N, ordenou CAXIAS o assalto à fortaleza, que foi feito por OSÓRIO, o qual entrou quase que juntamente com as forças de ARGOLO e de GELLY.

Y OBES. A resistência paraguaiã continuou heróica, fora da fortaleza, porém a um apêlo generoso de CAXIAS, rendia-se a tropa, a 5 de agosto de 1868.

Abria-se, dêste modo, o acesso a ASSUNÇÃO.

d) Comentários:

É de admirar-se, nesta primeira fase do Comando-Chefe de CAXIAS, seu comportamento como Planejador e Organizador de méritos incontestáveis, que agiu sobretudo pelo equilíbrio e prudência, reservando a audácia, o risco calculado para mais tarde, para o ato culminante da guerra contra LÓPEZ.

Analizando-se sumariamente a Manobra de HUMAITÁ em suas linhas mestras, aquelas que interferem propriamente com a parte filosófica da Guerra, nos seus aspectos de Ciência e Arte, sentimos que ela se configura em uma manobra de flanco, por excelência. Não se sabe o que mais ressaltar: se a beleza artística de sua forma ou a segurança e a flexibilidade de sua execução. Não foi, por isso, nem manobra montada "a priori", nem "a posteriori"; foi bem aquêle tipo que tanto agradava a NAPOLEÃO e próprio dos chefes realmente notáveis. CAXIAS concebeu manobra altamente flexível, embora estruturada previamente, podendo evoluir com a batalha, como hoje se prescreve nos manuais doutrinários. Vêde como se deu: primeiro, um movimento desbordante até TUYU-CUÉ, aí ficando em expectativa estratégica. Em seguida, tal fôsse o comportamento das fôrças inimigas, evoluiria para um movimento envolvente integral, na direção TIO DOMINGOS — S. SOLANO — HUMAITÁ, em combinação com atuação coordenada das Fôrças Navais ou, em caso de isso ser impossível, a manobra de flanco culminaria no cérco do "quadrilátero". Magnífico, Srs.: no mínimo, o cérco parcial, se possível, o aniquilamento total.

O estudo das Constantes da Manobra ressalta seu perfeito equilíbrio. As duas alas atuaram sempre de modo nitidamente ofensivo, embora decaladas no tempo, enquanto

fixava-se no centro a defesa adversária, ao mesmo tempo que essa massa central soldava as duas alas. Da combinação de direções basta lembrar que utilizaram-se as duas principais vias de acesso, uma terrestre e outra fluvial, que conduziam à retaguarda imediata do inimigo isolando-o, pois, do interior do país. Para completar, encontramos judiciosa repartição das forças no tempo e no espaço ficando em TU-IUTI, na ação de fixação 1/3 do efetivo; os 2/3 restantes, lançados no flanco principal, enquanto a Esquadra atuava por W.

Eis aí a Batalha de HUMAITÁ, conduzida por CAXIAS, onde se espelham, com fulgor, Princípios Guerra como Economia de Fôrças, Massa, Ofensiva e Liberdade de Ação. Também o Cmt Tático mais uma vez se destaca em CAXIAS, seja quando reestrutura as GU e Unidades no sentido de melhor adaptar as fôrças ao emprêgo visado; seja instruindo e reorganizando as tropas em função da realidade da guerra face ao inimigo. Deu ênfase à atuação da cavalaria nessa primeira fase das operações em território paraguaio, não atribuindo a importância que MITRE lhe conferia, quanto ao número, pois, dizia, "a guerra que temos de fazer é mais de caçadores e artilheiros que de cavalaria", referindo-se naturalmente à luta pela posse de HUMAITÁ. CAXIAS reservava a cavalaria para aquelas ações próprias nos preliminares e no acabamento da batalha. Atribuía, pois, novo sentido à doutrina de emprêgo das armas na guerra do PARAGUAI. Outro aspecto a destacar em CAXIAS é a perseverança no cumprimento da missão, paciência diante do difícil em HUMAITÁ: "paciência para esperar o momento oportuno, perseverança no objetivo geral da manobra estabelecida".

Aí está, Srs., o que foi CAXIAS em HUMAITÁ, procurando com segurança e obstinação, um campo de batalha para buscar a decisão, já várias vezes tentada sem sucesso, antes do seu comando. Não conseguindo aí decidir a guerra, estrategicamente, que o inimigo a isso fugira, o que faz de HUMAITÁ, de certo modo, uma batalha frustrada, CAXIAS não se detém diante da extraordinária vitória tática. Não

se contenta apenas com o cérco da famosa praça forte; buscará noutra manobra, mais audaciosa ainda, a decisão, o que será alcançado, como veremos, na Batalha do PIQUICIRI, onde, em contraposição à lentidão e à prudência da Manobra de HUMAITÁ, nos seus 12 meses, afloram a rapidez e a audácia, como conseqüência da adaptação da Doutrina às novas realidades da guerra, mudando-se á forma, os métodos e os processos de combate, até, para a consecução da vitória completa.

3 — BATALHA DO PIQUICIRI

a) Situação Geral (Esbôço n. 3):

Terminada a conquista de HUMAITÁ, havia que prosseguir para o N, pois o inimigo, vencido embora, não estava completamente derrotado, tanto que se recuperara para bater-se em nova luta no corte do rio PIQUICIRI. Tratava-se para CAXIAS de reajustar o dispositivo das Fôrças Aliadas e cerrar os meios para a região de PALMAS a fim de, com melhor conhecimento da situação, decidir sobre a manobra mais adequada.

Assim é que, depois de mudar sua base de operações para HUMAITÁ e aí manter o 2º CEx de ARGOLLO, desloca o grosso das Fôrças Terrestres para o N, a 17 de agosto, alcançando PALMAS a 30, estacionando o grosso entre o SURUBI e o PIQUICIRI, depois de se darem alguns combates. Antes mesmo de alcançar PALMAS, vemos CAXIAS tomando uma decisão preliminar consoante a evolução dos acontecimentos:

"Tenho hoje por ponto objetivo VILLETA, para onde se retirou LÓPEZ com seu exército, e que estou resolvido a atacar, logo que lá chegue. Quer o inimigo seja batido em VILLETA, quer se retire diante de nós, tenho deliberado seguir daí para ASSUNÇÃO, que ocuparei militarmente e de onde farei seguir expedições."

Era, sem dúvida, a concretização das primeiras idéias contidas no Plano de Operações que enviara ao Ministro da Guerra de então, mostrando como iria conduzir as operações, agora que HUMAITÁ estava dominada:

"Operando no vale do rio PARAGUAI, atingir ASSUNÇÃO. Em seguida, restabelecer os transportes com a Pro-

víncia de MATO GROSSO, instalar um novo governo no PARAGUAI e destruir os remanescentes do exército inimigo."

Atingindo a vanguarda o corte do PIQUICIRI, constatou-se que os paraguaios defendiam essa linha, na margem N; além disso, outros reconhecimentos informavam que ANGUSTURA estava fortificada.

b) Plano de CAXIAS (Esbôço n. 4 e Calco n. 2):

Não há dúvida que as Fôrças Aliadas estão diante de outra posição de resistência fortificada, com 9 km de extensão, coberta a E por uma lagoa e pelas águas que dela provêm. Como vencer o inimigo se uma manobra central, de ruptura, será muito onerosa, pois o PIQUICIRI fôra transformado num obstáculo de 20 m de largura e alguns metros de profundidade e o terreno a E, coberto por densa floresta e alagadiço, não possibilitando uma ação de flanco pela esquerda paraguaia? Será possível operar por W, pelo GRAN-CHACO, uma planície aluvional, baixa e alagadiça, sem estradas e coberta de espessa vegetação? Qual o plano a adotar-se contra um inimigo que dispõe de 20.000 homens e mais de 100 canhões para a defesa do PIQUICIRI, quando os aliados numeram, apenas, 34.000 homens?

Diante da realidade que se apresenta, eis que CAXIAS abandona qualquer ação frontal ou pelo flanco E, decidindo-se pelo envolvimento integral, por W, para desembarcar em SANTO ANTONIO e atuar pela retaguarda dos defensores, fixando a posição frontalmente. Portanto, consistia a manobra em levar a massa dos aliados para o N do PIQUICIRI, com o propósito de atacá-lo pela retaguarda, sendo necessário transpor o rio PARAGUAI entre PALMAS e SANTA TEREZA e, daí, seguir para SANTO ANTONIO marchando em seguida para o S, com o flanco W apoiado no rio PARAGUAI, ocupando a região de VILLETA. Naturalmente que tal plano ia importar num desbordamento inicial pela margem W do rio PARAGUAI, para livrar a coluna dos fogos da artilharia de ANGUSTURA. Dentre outras vantagens

dêsse Plano ressaltam aquelas idéias que condicionam o êxito duma manobra de flanco, podendo CAXIAS adotá-las, tôdas: reunião da massa de manobra na ala externa do dispositivo, um obstáculo (rio PARAGUAI) proporcionando a segurança necessária à reunião dos meios e, finalmente, possibilitar a obtenção da surpresa pela ação rápida e violenta na retaguarda do adversário.

c) Execução da Batalha:

(1) Marcha de Flanco (Esbôço n. 4 e Calco n. 3):

CAXIAS vai dar inicio à marcha de flanco, por W, para a batalha decisiva com os paraguaios que, a essa altura, sentindo iminente o movimento pelo GRAN-CHACO — devido aos trabalhos que se faziam de construção de 11 km de estrada — evoluíram sua estrutura defensiva, lançando uma cobertura para VILLETA e constituindo uma reserva móvel (5.000 homens) que ficou em ITA-IVATÉ, aí preparando uma última linha de defesa. A massa de manobra, constituída pelos três CEx (1º, 2º e 3º) e, mais, as quatro DC (1ª, 2ª, 3ª e 5ª), totalizando 23.000 homens, aproximadamente; deslocou-se, depois de ter sido transportada pela Esquadra, de PALMAS até SANTA TEREZA, pela estrada do CHACO. Daí seguiu para a confluência do arroio VILLETA, alcançando essa região a 4 de dezembro, de onde prosseguiu viagem, agora novamente transportada, para SANTO ANTONIO. A cavalaria, ao invés de seguir para o arroio VILLETA, despontou-o e marchou pela margem direita do PARAGUAI, até SANTA HELENA, pouco ao S de SANTO ANTONIO.

Estabelecida a cabeça-de-ponte em SANTO ANTONIO, podia CAXIAS lançar-se para o S sobre as defesas do PIQUIRICI. Estratégicamente, LÓPEZ estava envolvido.

(2) A Dezembrada:

(a) ITORORÓ :

Ao 2º CEx determinou CAXIAS "procurar e ocupar, logo que desembarcasse (em SANTO ANTONIO), a ponte do ar-

roio ITORORÓ, para evitar que o inimigo, prevenido do nosso movimento, tome nela posição e nos dispute o passo". Por não ter sido suficientemente interpretada a missão, pois se tratava de manter-se a passagem no ITORORÓ até a chegada do grosso, tornou-se necessário montar uma ação em força para dominar a linha. O que aconteceu foi precisamente o seguinte: OSÓRIO lançou-se, com seu 3º CEx, à abordagem da defesa paraguaia, despontando o arroio, enquanto o 2º CEx faria uma ação de fixação. A força da ação secundária, ao invés de fixar CABALLERO, o que fez foi engajar-se a fundo, sendo repelida com violência pela defesa inimiga, que se portou bravamente e se conduziu de modo essencialmente dinâmico e eficaz.

CAXIAS, à testa do 1º CEx e extremamente preocupado com as flutuações na frente do 2º CEx, decidiu intervir no combate, pois o 3º CEx de OSÓRIO ainda continuava atrasado e não aparecia no flanco direito do inimigo, a tempo de terminar com essa luta sangrenta. Assim pensando, lança-se CAXIAS numa ação frontal, emprenhando também o 1º CEx, "para não mais retardar o resultado desejado".

Foi essa uma decisão fundamentada puramente no fator moral e na audácia, comandada a ação pessoalmente pelo Cmt-Chefe.

Magnífico episódio que a todos empolgou, levando de vencida as forças de CABALLERO. "Houve quem visse morimbundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante. Toda aquela massa, que há pouco amolecera e se desfibrara sob a ação do pânico, readquire de súbito sua vitalidade e poder combativo" (DIONÍSIO CERQUEIRA).

Vencida a resistência em ITORORÓ, prosseguiu CAXIAS, a 7, para o S, despontando as cabeceiras do IPANÉ, o que anulava qualquer tentativa de retardamento nesse arroio, acampando o grosso, por 2 dias, na região de Cerro do IPANÉ. Restabeleceu-se a ligação com a Esquadra e reorganizaram-se as forças para o choque decisivo.

(b) AVAÍ :

Derrotado em ITORORÓ, CABALLERO recebeu ordem de LÓPEZ no sentido de deter CAXIAS no corte do AVAÍ, sendo consideravelmente reforçado. Tal decisão do ditador paraguaio deixa dúvidas quanto à sua verdadeira intenção: travar a batalha decisiva no AVAÍ ou em ITA-IVATÉ.

Informado CAXIAS pela vanguarda, que a linha do AVAÍ estava defendida, determinou que a posição fosse abordada em toda a frente e, mais, percebendo que a defesa de CABALLERO não apresentava os flancos apoiados, decidiu-se a reproduzir CANNAE, isto é, fixar os paraguaios frontalmente e desbordá-los simultaneamente pelos dois flancos, para cortar a retirada. Lançou o 2º CEx pelo flanco direito do inimigo, enquanto a 1ª DC atacava pelo esquerdo. As 2ª e 3ª DC atuariam no flanco direito.

Quando CAXIAS percebeu que os dois flancos paraguaios estavam sendo envolvidos, lançou no flanco direito o 1º CEx e a 5ª DC, que mantivera em reserva. O inimigo foi completamente derrotado, perdendo cerca de 4.800 homens, num total de 5.000 e foi possível às forças aliadas ocupar VILLETA a 11 de dezembro e restabelecer ligação com a Esquadra, reorganizando CAXIAS as forças nessa região.

(c) LOMAS VALENTINAS :

Para a fase final da luta, a distribuição das forças paraguaias era a seguinte: em ANGUSTURA havia 2.000 homens ao comando de THOMPSON; no corte do PIQUICIRI distribuíram-se 3.000 homens pelas trincheiras; e, em ITA-IVATÉ, os 9.000 restantes. Para fazer face a essa articulação de LÓPEZ, CAXIAS adota a seguinte linha de ação: a 5ª DC faria a cobertura na direção de ANGUSTURA, enquanto a 1ª DC reforçada atacaria a linha do PIQUICIRI, ligando-se às forças de PALMAS. O grosso das Forças Terrestres atacaria a posição de ITA-IVATÉ, chave de todo o dispositivo paraguaio.

Os princípios da economia de fôrças e do objetivo aí se configuram, de modo notável. Deixando tão secundárias quanto possível as ações de menor importância, CAXIAS emprega a proporção de 1/2 na ação de cobertura (1.000 aliados contra 2.000 paraguaios); para o ataque da 1^a DC ao PIQUICIRI apresenta 3.000 homens contra outro tanto inimigo; e, finalmente, na ação decisiva, lança 15.000 homens contra 9.000 de RESQUIN. Também o princípio do objetivo ressalta espontâneo, bastando considerar-se a importância relativa dos diferentes objetivos selecionados e os meios empregados em sua consecução.

Serão necessários 3 violentos ataques para que o inimigo seja definitivamente batido e aniquilado. O primeiro é desencadeado a 21, atacando ANDRADE NEVES com seu grupamento de cavalaria (2^a DC, 3^a DC e 9^a Bda Cav) o inimigo em POTRERO MARMOL, para cobrir o ataque principal de CAXIAS, que parte às 15,00 horas sobre ITA-IVATÉ, ao mesmo tempo que a 5^a DC fazia a cobertura face a ANGUSTURA. O ataque dos 1º e 2º CEx entra pela noite adentro e pouco êxito obtém diante da resistência heróica dos paraguaios. Já o grupamento de MENNA BARRETO, consegue pleno êxito no ataque à linha do PIQUICIRI.

A 25 novo ataque é realizado contra os paraguaios, agora reforçados com mais 1.600 homens vindos de ASSUNÇÃO, e pequeno avanço é conseguido. Finalmente, a 27 desfocha-se o golpe decisivo, partindo em primeiro escalão o destacamento de PALMAS, sendo completamente batidas as fôrças de LÓPEZ, fugindo, em seguida, o ditador com um pequeno grupo de paraguaios (cerca de 60). Uma vez terminada a luta em ITA-IVATÉ, volta-se CAXIAS contra ANGUSTURA, que se rende sem combater.

A 5 de janeiro a capital inimiga era ocupada pelos aliados, sem nenhuma reação.

d) Comentários:

Nessa manobra CAXIAS completou-se, não há dúvida alguma, como Chefe e Condutor de homens. Rápido, auda-

cioso e heróico, não imprimiu às operações o ritmo lento da primeira fase. Percebeu que o fator tempo era decisivo para o aniquilamento total do adversário. Numa apreciação sumária, ressalta a judiciosa repartição dos meios, ficando em PALMAS o efetivo estritamente necessário (8.000 homens) à proteção da linha de transportes, fixando o inimigo pelo S, enquanto jogava a massa de manobra, representada por 23.000 homens, para envolver LÓPEZ pelo N. Como reserva ficariam apenas 1.800 homens no CHACO, para atender aos grupamentos.

Não só na repartição das fôrças, mas principalmente na combinação de direções e atitudes e ritmo da manobra — inclusive na região de desembarque ao N do PIQUICIRI, que poderia ter sido VILLETA, IPANÉ ou SANTO ANTONIO, decidindo-se CAXIAS pela mais afastada — os movimentos para a Batalha do PIQUICIRI se configuraram como autêntico Risco Calculado. Foi uma cartada decisiva a que o Cmt-Chefe lançou-se:

- quando condicionou o êxito da marcha de flanco a uma estrada a ser construída em menos de um mês e que só poderia ser utilizada durante o mês de novembro, pois em dezembro ficaria submersa; portanto, sob a "ameaça tenebrosa de ver o Exército trágado pela cheia do rio PARAGUAI";
- quando afastou-se de sua base de operações e foi colocar o grosso de suas Fôrças entre o Exército inimigo e seu centro vital, cortando-lhe as linhas de transportes, de inicio;
- finalmente, quando lançou-se heróicamente pela ponte de ITORORÓ para vencer o inimigo num combate frontal, quando a ação de flanco se tornava duvidosa.

Dos violentos e sucessivos combates de ITORORÓ, AVAI e LOMAS VALENTINAS, os mais sangrentos e plenos de bravura e heroísmo de toda a guerra, travados por CAXIAS em

menos de um mês, que dizer disso? Não é extraordinário CAXIAS nessa fase quando altera completamente a manobra de ITORORÓ, em plena conduta? Quando abandona os métodos e processos de ação empregados na Batalha de HUMAITÁ, apelando exaustivamente e com verdadeira sofreguidão, para a audácia, a velocidade, a surpresa? Ainda mais: atentai para a prudência no movimento de HUMAITÁ ao PIQUICIRI; em seguida, a ousadia na marcha de flanco; depois a precaução e o sigilo na operação de desembarque em SANTO ANTONIO (2 horas da manhã). Mais adiante a bravura, a velocidade nas ações, a calma impressionante logo aparecendo em ITA-IVATÉ?

CAXIAS INSPIRADOR DE NOSSA DOUTRINA

- 1 — Forma da Guerra
- 2 — Leis e Princípios
- 3 — Doutrina Tática

I — FORMA DA GUERRA

Quais as lições, no domínio da Estratégia, que nos legou CAXIAS, com sua extraordinária experiência de Planejador e Condutor da Guerra da Tríplice Aliança? Evidenciada ficou aquela verdade tão apregoada por CLAUSEWITZ, no sentido de que a Guerra, quando tiver que ser feita, visará ao aniquilamento completo do Poder Militar adversário e que apenas a Ofensiva conduz à vitória, impondo-se a necessidade de ser desenvolvida de modo enérgico e rápido? Mantendo-se intransigentemente fiel aos princípios a priori estabelecidos? Deixando tão secundárias quanto possível as ações menos importantes para concentrar o máximo de esforços na direção decisiva? Que nos ensinou o Mestre quanto à Estratégia Operacional, no que interfere com os fatores fundamentais que a condicionam, com a Relação das Fôrças em presença, o Espaço para as Batalhas e o Tempo necessário à Concepção e ao Desencadeamento das Operações?

Srs., do que ficou assinalado na análise do Comando Supremo das Fôrças Aliadas, exercido por CAXIAS após tantos fracassos e flutuações na Direção da Guerra pela Tríplice Aliança, culminando no desastre de CURUPAITI, podemos inferir da visão estratégica realmente notável que possuía o Duque. E isso porque êle conhecia a fundo a Guerra em que estávamos empenhados; sua conjuntura político-militar; suas origens e causas. Sobretudo, as fôrças em presença e as peculiaridades do TO. Da resposta endereçada ao Ministro da Guerra, logo ao início da invasão do território nacional, exponta o notável Planejador, de conceções largas e vigorosas; o conhecedor profundo daquela guerra que teríamos de enfrentar. Aí se nota a perfeita visão estratégica do TO. As leis e os princípios afloram em completa integração: a Massa e a Fôrça; a Ofensiva e o Mo-

mento; a Segurança e a Economia de Fôrças. E, porventura, as Fôrças Morais aí não estão presentes quando se refere às operações ao Sul de MATO GROSSO?

Que idéias inspiram a Concepção e a Conduta da Guerra do Cmt-Chefe, com relação aos tipos e à mecânica operacional da Manobra para o TO em que atuou, com suas características especiais, suas condicionantes geográficas e peculiares? Em suas manobras configuraram-se aspectos relevantes como Superioridade das Fôrças no momento oportuno, dada a impossibilidade de se apelar para a Massa e a Potência, em tôda a frente. Donde a tendência para manobrar, sempre que possível, sobre os Flancos e as Linhas de Transporte do adversário. Preferência, pois, para as Manobras de Flanco, do tipo Envolvimento, em detrimento da Manobra Central, de Ruptura. Mas, atentai bem, Srs., manobras de flanco, principalmente, porém flexíveis, podendo e devendo evoluir com a Batalha ou durante ainda a execução da Manobra para a Batalha. Manobra a priori, às vezes, como na antiga Escola Alemã; planejamento prévio, podendo transformar-se, posteriormente, em função das reações apresentadas, como hoje entendem as principais Escolas Doutrinárias. Finalmente, em certos casos, como nas lutas de Guerrilhas dos Farroupilhas, manobra inteiramente a posteriori. Portanto, judiciosa adaptação às condições particulares da Região de Operações e da Situação das Fôrças em presença.

E vêde como CAXIAS se ajustava, com extrema facilidade, realizando tipos de operações completamente diversos em cada caso. De início, à base de raides audaciosos, como nas revoluções de SOROCABA e MINAS GERAIS. Mais tarde, tornou-se fervoroso adepto das Guerrilhas, na Revolução Farroupilha, apelando muitas vezes para o Cérco e a Perseguição, simultaneamente. Culminando, finalmente, nas magníficas manobras de flanco e Cérco, sem Perseguição.

Prestai atenção, Srs., que a Manobra do PIQUICIRI é ímpar na História Militar; nem mesmo NAPOLEÃO pôde dela

aproximar-se na batalha de IENA — AUERSTAEDT, verdadeira manobra "a posteriori", envolvente e de ruptura ao mesmo tempo. Nem nas 1^a e 2^a Grandes Guerras — e, nesta, especialmente no TO russo — nem aí se viu coisa igual, sem embargo das extraordinárias possibilidades da Ciência e da Técnica a serviço da Guerra. CAXIAS, Srs., consegue, por meio de uma concepção audaciosa, aliada à rapidez e à surpresa na execução operacional, e de um só fôlego, desenvolver excelente manobra de flanco. E vai mais além: culmina a manobra com o cérco de todos os grupamentos de força de LÓPEZ, na frente secundária onde se fazia a fixação. Vemos, então, uma manobra de flanco, que termina no cérco, sem haver, propriamente, perseguição durante as 1^a e 2^a fases. O adversário é batido quando tenta a fuga, não a retirada. Onde encontramos exemplo semelhante?

Srs., reivindiquemos, nesta oportunidade, a Glória da Manobra de Cérco para nosso Patrono, para o Duque de CAXIAS, que, por intuição privilegiada em parte, mas principalmente pelo valor e audácia insuperáveis, seria o Pioneiro desta Forma de Manobra tão contradictória na 2^a Grande Guerra nos TO russo e da ÁFRICA DO NORTE, que os soviéticos para si invocam a primazia da concepção. Mas que, na realidade, o mérito da estruturação doutrinária, em termos de teorização da guerra e consequente planejamento operacional é autêntico, inequívoco, de SCHLIEFFEN, quando traduziu em planos seus profundos estudos de CANNAE.

Eis um ponto a interessar os formuladores de nossa Doutrina Militar: — a inserção do Cérco, como tipo de Manobra para certos TO, como querem e preconizam os soviéticos em sua Doutrina.

Outro aspecto que a meditação de CAXIAS sugere é a orientação duma Doutrina fundamentada na Segurança Estratégica e Tática, face a todas as direções, hoje mais compreensível e até conceitual e dogmática, sendo normal para a Guerra Atômica ou Convencional. Todavia, recordemos que nosso patrono viveu no meado do século passado, quando até então, só NAPOLEÃO fôra capaz de semelhante pre-

cupação. O quadro da batalha do PIQUICIRI denuncia o que pode acontecer a um Exército, como o de LÓPEZ, que não se guarda estrategicamente face a tôdas as direções...

Srs., constatamos na Concepção de Guerra de CAXIAS, mas, particularmente, na maneira como conduzia as operações, aquêle mesmo fenômeno que, ao final do século passado, já se notava na Doutrina Alemã, isto é, "impregnado na intelectualidade das idéias de MOLTKE, tendia o EM Alemão a aproximar-se, cada vez mais, de uma concepção científica da Guerra", a ser conduzida com Unidade e Contínuidade de Direção, abolindo os conceitos materialistas e pré-fabricados. E, vede bem, CAXIAS, não desempenhou o papel de CLAUSEWITZ, nem de MOLTKE, nem de JOMINI, que êle jamais foi teórico da Ciência da Guerra, mas Chefe essencialmente prático, Condutor de homens para a Batalha Decisiva. Traçou, isso sim, as verdadeiras bases de nossa Doutrina de Guerra com a ponta de sua espada e no próprio campo de batalha, como o fizeram FREDERICO, na PRÚSSIA; NAPOLEÃO, em FRANÇA; SUVOROV, na RÚSSIA e SHERMAN, nos EUA.

2 — LEIS E PRINCÍPIOS

Que inspiração nos sugere o estudo de CAXIAS no comportamento amplo das Leis e dos Princípios que deverão nortear os aspectos científico e artístico da Nossa Guerra ou das Nossas Guerras? Como variará o grau de importância relativa das Leis Fundamentais e dos Princípios da Guerra e da evolução da Tática nos nossos TO? Poderemos negligenciar as questões que dizem com "o querer e o poder bater-se", assim como aquelas que apontam o "como bater-se e como utilizar as Fôrças Armadas"? Em outras palavras, por quê não mergulhar fundamentalmente no estudo das nossas guerras para aí emergir aquilo que orientará nosso comportamento no sentido de qual deverá ser o espírito que deverá animar nossas Fôrças Armadas, e, em consequência, como caracterizar a Guerra e empregar as Fôrças nos diferentes TO?

Poderá CAXIAS servir-nos de ponto de partida para a solução de problema tão importante? Vêde a Lei do Movimento perfeitamente configurada nas suas manobras, a justificar que a Guerra deverá ser fundamentalmente caracterizada pelo movimento; pois, "o movimento — dizia FOCH — é a lei da estratégia". Em seguida, contemplemos os atos de Fôrça, finalidade do movimento em campanha, e eis CAXIAS dando ênfase à Lei da Fôrça quando desembarca em SANTO ANTONIO para aniquilar o adversário pela retaguarda. Quereis uma batalha para a manobra? Aí está HUMAITÁ.

Sem embargo, encontramos, também, a Lei da Ofensiva perfeitamente evidenciada no fato de CAXIAS, uma vez desencadeada as operações, não mais se deter, do ponto de vista estratégico pelo menos. "A guerra, para ser vitoriosa, deve ser essencialmente ofensiva sob pena de não ser guerra". Excelente insinuação da Lei do Atrito é o fato de ter CAXIAS obviado ao máximo as desvantagens dessa terrível lei, sobretudo para nós latinos. Finalmente, durante a primeira fase da ofensiva aliada, ficou claro que "não há vitória possível sem contar com o imprevisto", o que se viu na marcha do CHACO e realça o valor dessa lei na formulação de uma teoriação da Guerra.

Dos Princípios, já tivemos oportunidade de dizer como CAXIAS os aplicou e em que grau de importância relativa considerou-os. Assim é que o Objetivo, naquela acepção de "saber o que se quer e não querer senão isso", refulge plenamente em HUMAITÁ depois visando a ASSUNÇÃO, numa lembrança de que "cada operação militar deverá ser dirigida contra um objetivo decisivo e atingível". E da Ofensiva, que ensina o Mestre? Que deve ser desencadeada ou retomada sempre que as condições se apresentarem propícias e não a todo custo, de modo suicida. Essa a ofensiva que deve inspirar nossa Doutrina: prudente, segura de início, para culminar até no Risco Calculado, como vimos na segunda fase da Guerra da Tríplice Aliança. Já a Unidade de Comando aparece como imprescindível à obtenção da unidade de esforços, enquanto o conceito de Massa não deve ser o da su-

perioridade de efetivos e da potência de fogo, mas também o que resulta da aplicação de outros princípios, como Manobra e Surpresa.

Ainda mais, da importância das Fôrças Moraes como fundamento à nossa preparação para a Guerra, CAXIAS nos ministrou magníficos exemplos, em tôdas as campanhas, pois certamente pensava como VOLTAIRE, que dizia "não ser o número de mortos e, sim, o desânimo dos que sobrevivem que faz perder as batalhas".

3 — DOUTRINA TÁTICA

Poderemos, a esta altura, sugerir algumas idéias gerais sobre os Métodos e Processos de Ação, no domínio da Tática, que a meditação do comportamento de CAXIAS, como Soldado, mas acima de tudo como Chefe, nos está a apontar, tendo bem presente que a "tática é a ciência do possível" (ARDANT DU PICQ), e ela "diz como bater-se" (MOLTKE) e, por isso, é considerada como "a arte de travar batalhas".

Sem dúvida que a Doutrina Tática, inspirada na atuação de CAXIAS, deveria traduzir-se:

- por um comportamento eminentemente ofensivo ou, se a defensiva surgir como imposição do quadro estratégico, torná-la agressiva, ousada; uma defensiva — ofensiva, enfim;
- pela adoção de uma tática inspirada na superioridade moral, na coordenação dos comandos descentralizados e caracterizando a responsabilidade dos Chefes, em todos os graus da hierarquia, a iniciativa brotando como essencial ao êxito da Batalha e do Combate;
- pelo emprêgo de Processos de Combate apropriados, função da região de operações; ora prevalecendo a audácia e a surpresa, ora preparando-se para viver isolado e cercado. Aqui as formações regulares, atuando de modo normal, acolá a luta diferente, em guerrilhas, com fôrças regulares;

- pelo emprêgo de estruturas de combate aptas a possibilhar formações ligeiras, podendo viver independentes e dos recursos locais;
- pelo exaustivo apêlo às ações desbordantes e de surpresa, dadas as características do combate moderno;
- considerando-se, em destaque, nosso Homem como elemento essencial, não apenas da Guerra, de modo geral, antes a influir nos processos de combate e, até, na própria forma da manobra.

Enfim, uma Doutrina com solicitação intensa à Surpresa, à Audácia, à Iniciativa, aos movimentos rápidos, às Manobras flexíveis. As Estruturas leves e aptas a viver em grandes espaços, isolados e à própria sorte, até. Doutrina, pois, que atenda, verdadeiramente, às peculiaridades de nossos TO, do nosso Potencial Humano, de nossas Possibilidades Econômico-Industriais.

SÍNTESE FINAL

Eis aí, Srs., em grandes pinceladas, a contribuição do nosso maior Soldado a uma formulação doutrinária para a Guerra Brasileira, uma Guerra com fisionomia e personalidade próprias, a Guerra, inclusive, com nossas Estruturas e Possibilidades. A Nossa Guerra. Ele que foi além do Chefe que, pelo estudo, pela meditação, pela intuição principalmente, concebia e conduzia manobras com extraordinária felicidade e acerto. Quando Ministro da Guerra lançou, pela primeira vez no nosso Exército, em 1855, as bases da Nova Escola, visando a renovar a tática vigente e adaptá-la às exigências da Guerra. Ele que propôs a adoção da tática elementar das três armas contida nas ordenanças então em vigor no Exército Português, "enquanto — dizia — não se cogita de uma tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército e com a natureza de nossas guerras".

Ao contrário do sucedido com os franceses depois de NAPOLEÃO, que achavam "que a vitória necessariamente devia sorrir a tropas comandadas por Generais corajosos, espertos e práticos da guerra; mais audazes que prudentes; mais de valor que de sabedoria", nós guardamos de CAXIAS, por seu conjunto de virtudes e por sua notável atuação em Campanha e na Pasta da Guerra, a lição extraordinária que a Vitória só será possível àquelas Fôrças organizadas, instruídas e bem comandadas, sobretudo atuando em consonância com a realidade da guerra em cada TO. Vale dizer, em conformidade com uma Doutrina própria, indígena, doméstica. Doutrina inspirada em princípios e peculiaridades do nosso Homem e da nossa Gente.

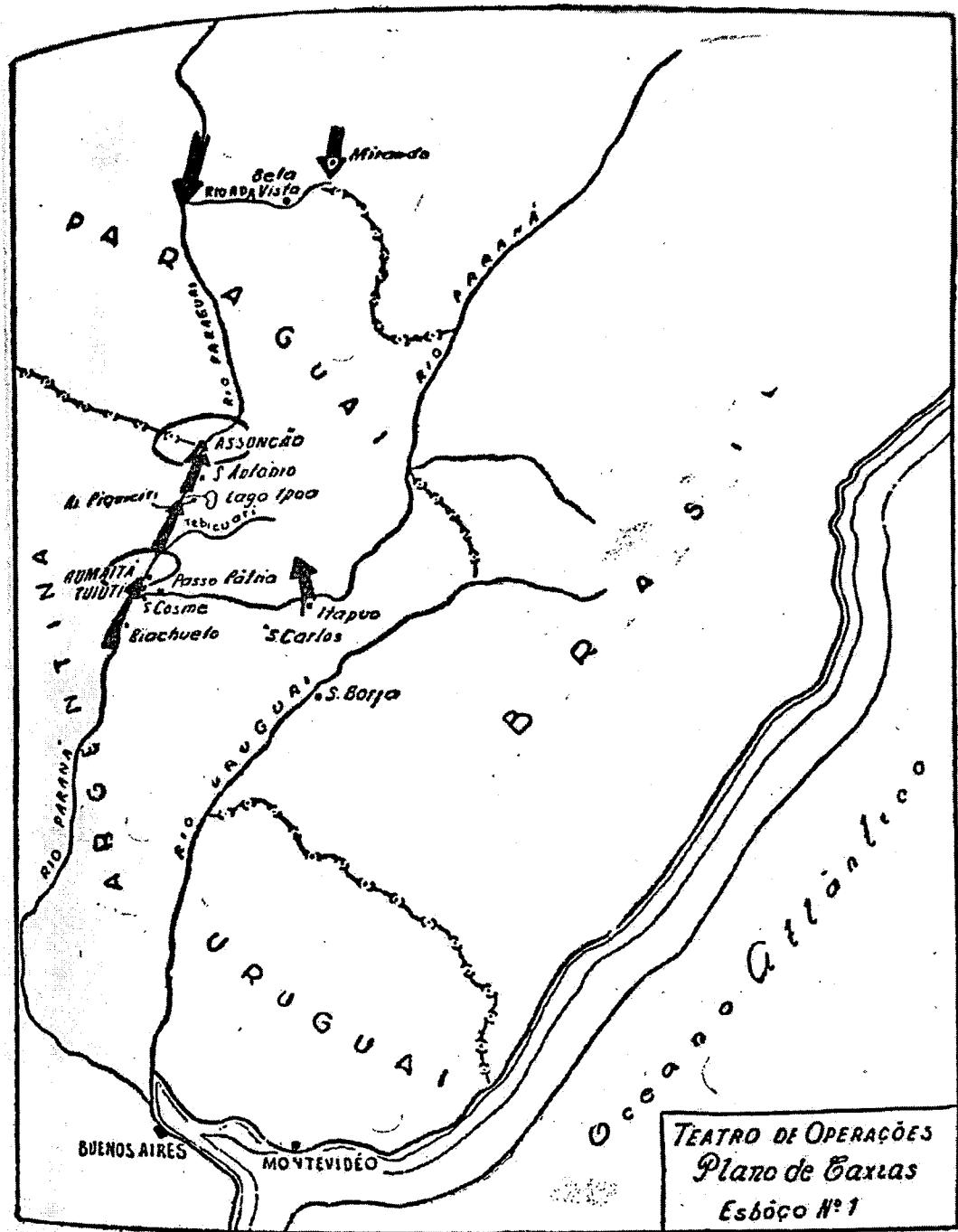
Sua atuação como Cmt tático e, mais que isso, como Cmt-Chefe de nossas Fôrças Armadas em tão longo período de nossa evolução política, como Nação e em meio à Comunidade Platina, durante tantas lutas e glórias, configura, nos seus principais pontos a trajetória de uma autêntica Doutrina Militar Brasileira. Essencialmente nacional.

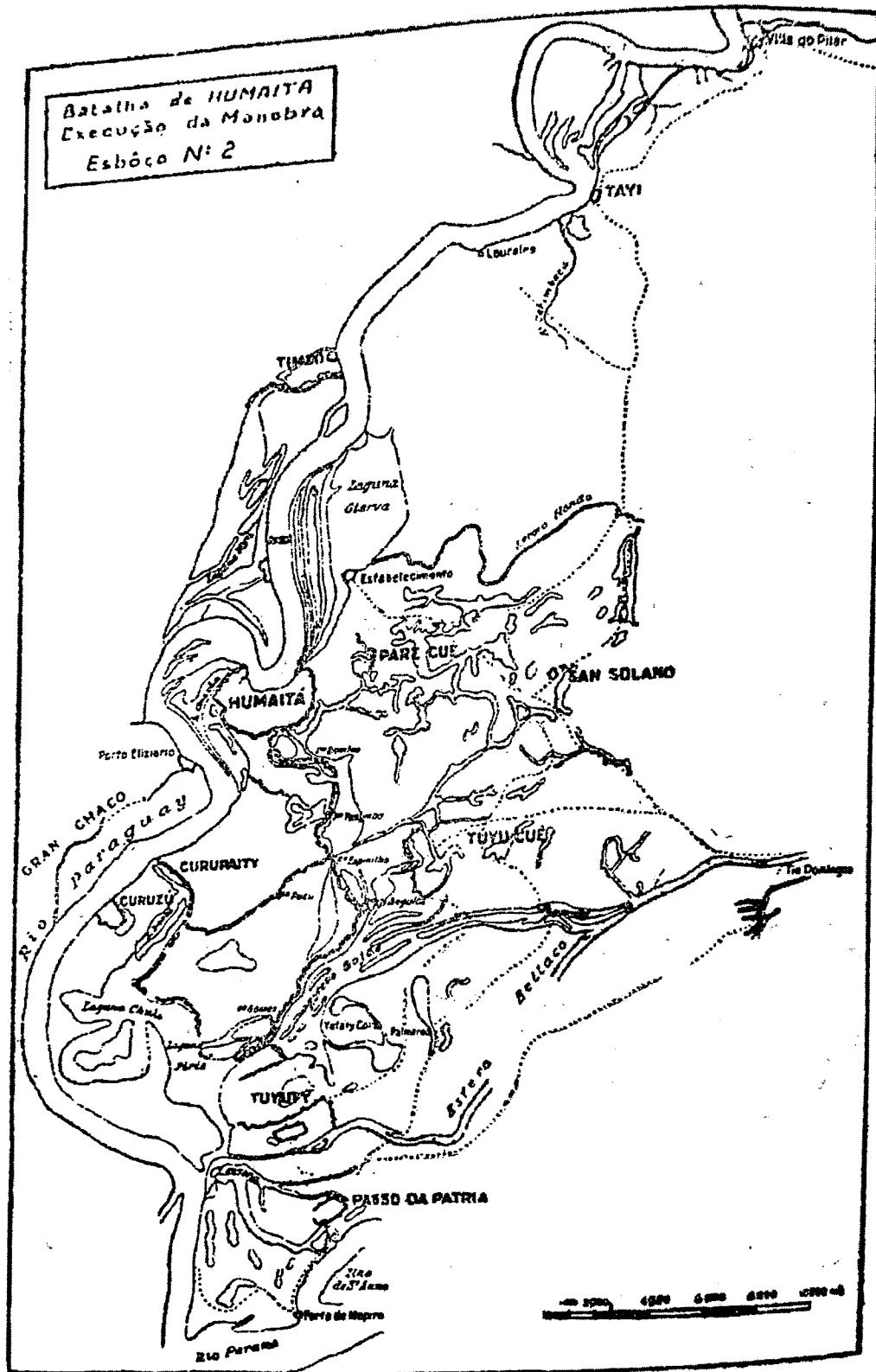
Criemos, pois, uma "Nova Escola", como entendia CAXIAS; uma Doutrina, não como pensavam os franceses que viveram em seguida a NAPOLEÃO, mas uma escola verdadeiramente da Guerra. Objetiva e realista, consoante o feitio próprio e peculiar do nosso Homem e das áreas geo-estratégicas de atuação provável. Doutrina fundamentada no emprego de elementos de segurança altamente móveis, como nas operações contra os farrapos e no lançamento do grosso das Fôrças de surpresa, atuando principalmente pela Manobra e, não, pela Massa. Doutrina que preconize, ao máximo, a dispersão dos meios e das fôrças, para os deslocamentos e permanente solicitação à Velocidade na concentração para a Batalha Decisiva. Exatamente como aspirava CAXIAS que, por isso, legou-nos a melhor base de partida para a solução intentada: sua vida, sua longa carreira militar, de Soldado e de Chefe.

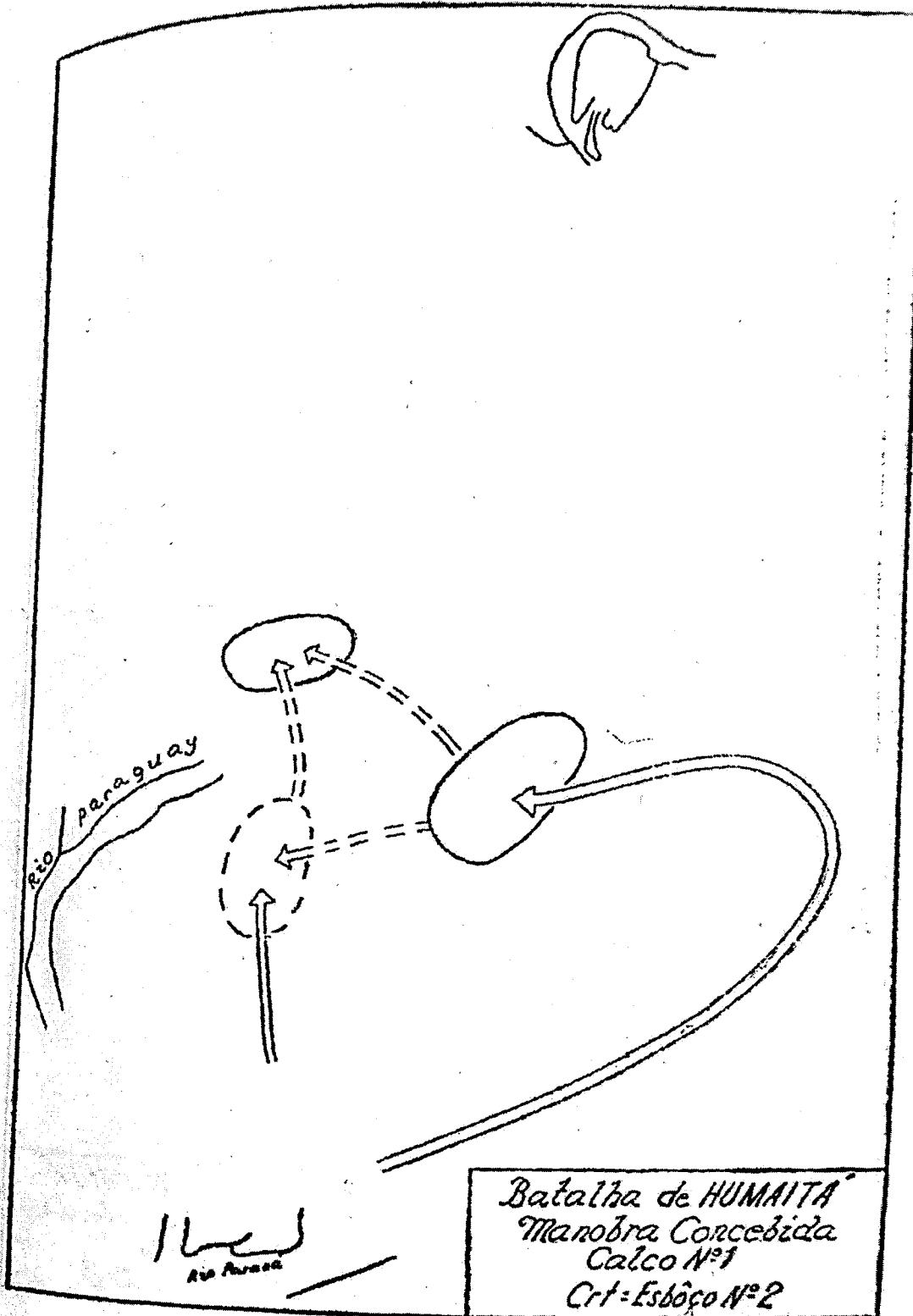
Aí está, Srs., o sentido da homenagem que pretendemos significar ao nosso maior Soldado, no dia em que reverenciamos sua glorificação, no sentido de que tenhamos uma Doutrina Militar para atendimento às diferentes necessidades da Segurança Nacional, traduzidas pela Estratégia Militar a ser empreendida.

ANEXOS

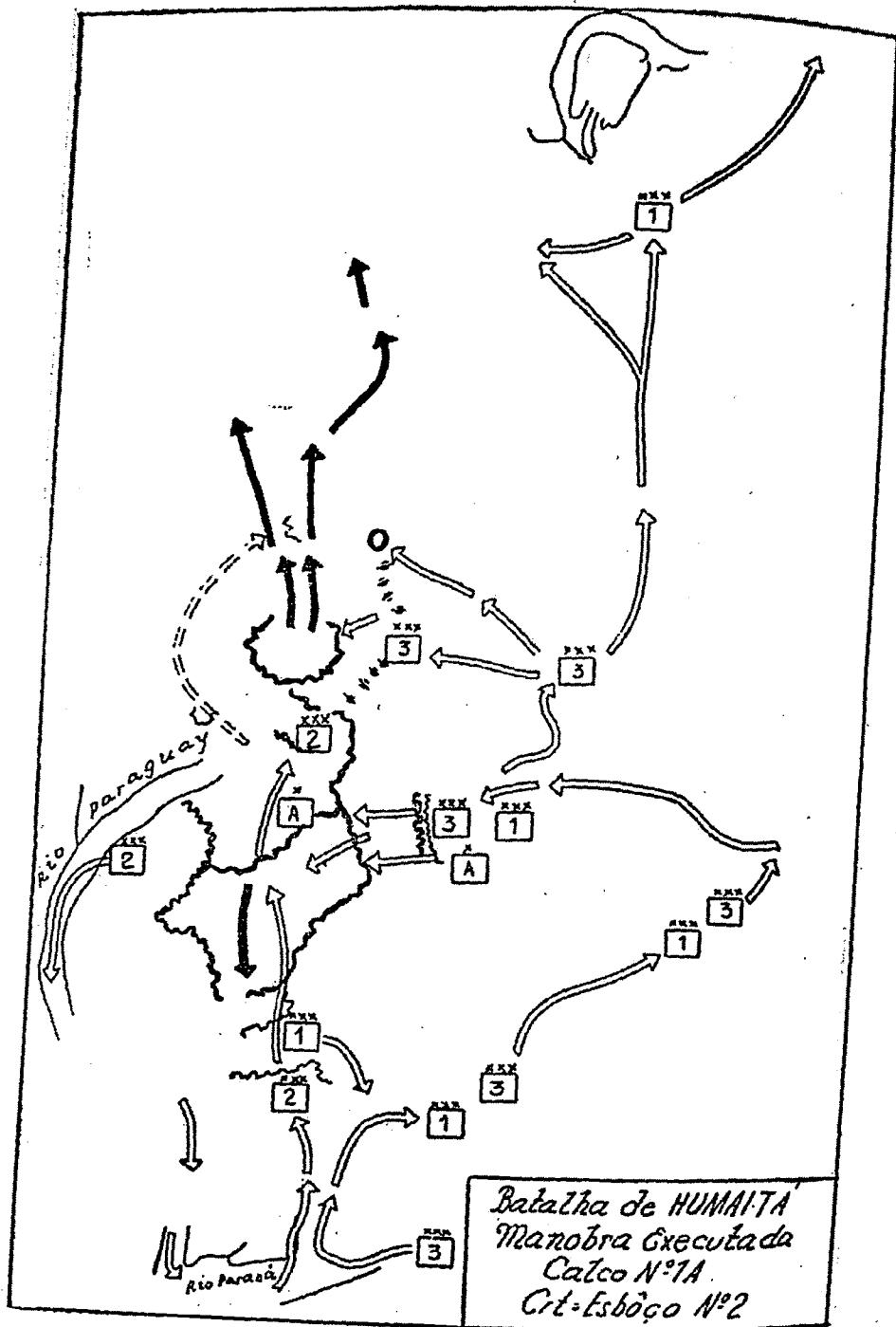
- 1 — Esbôço n. 1 — Plano de CAXIAS**
- 2 — Esbôço n. 2 — Região de HUMAITÁ**
- 3 — Calco n. 1 — Manobra de HUMAITÁ**
- 4 — Calco n. 1-A — Manobra de HUMAITÁ**
- 5 — Esbôço n. 3 — Marcha até PALMAS**
- 6 — Esbôço n. 4 — Região do PIQUICIRI**
- 7 — Calco n. 2 — Manobra do PIQUICIRI**
- 8 — Calco n. 3 — Manobra do PIQUICIRI**



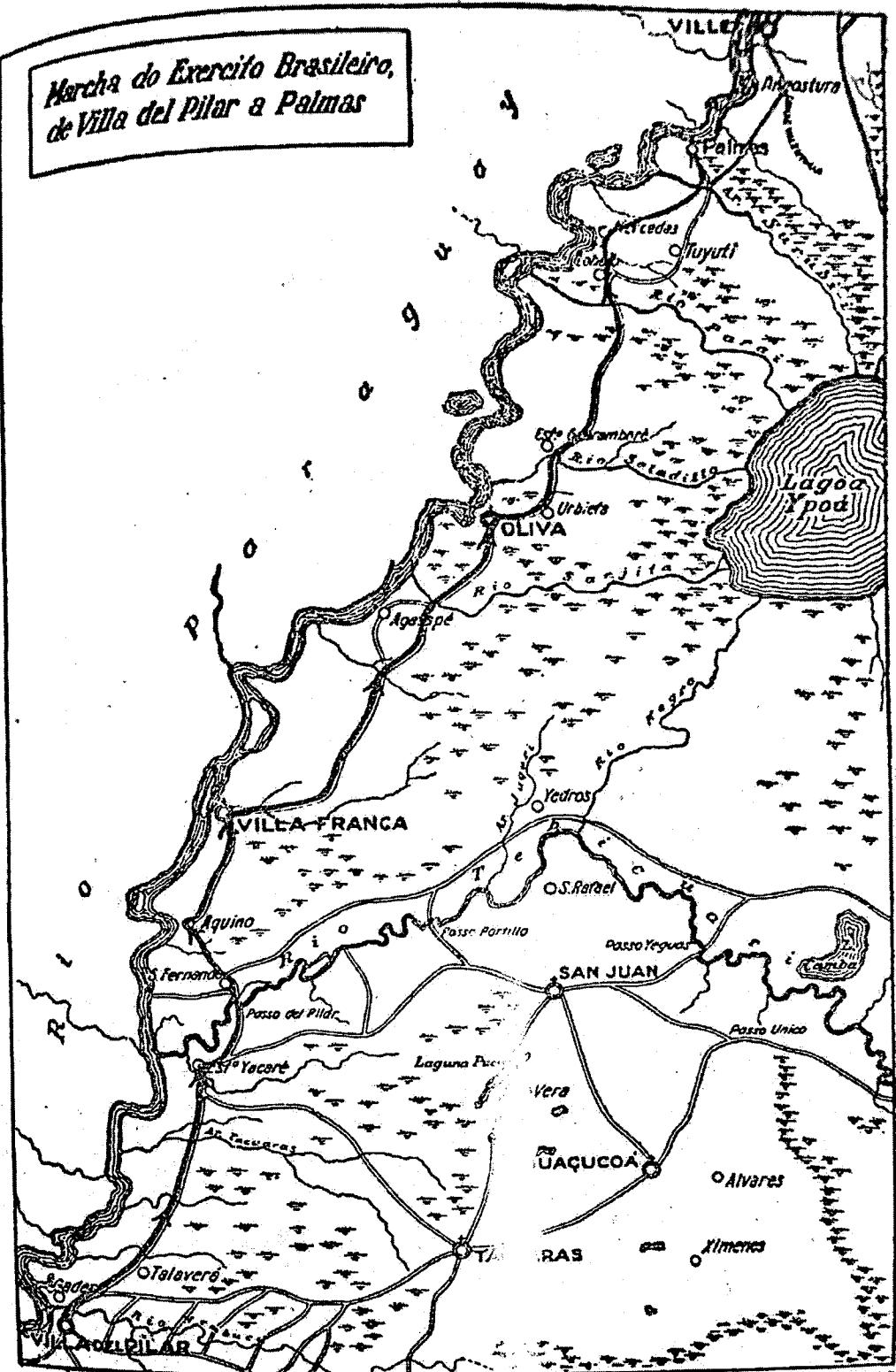




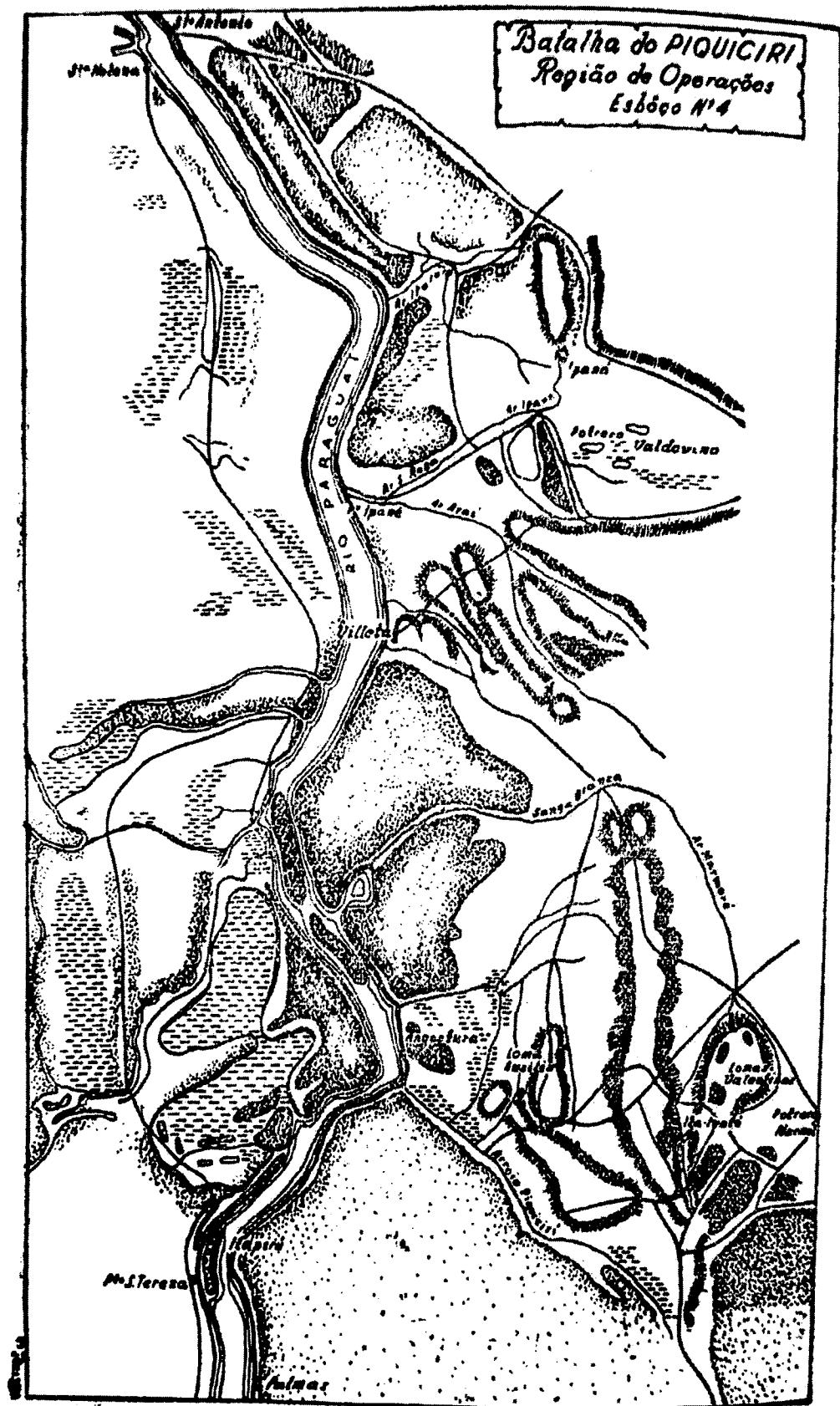
Batalha de HUMAITÁ
Manobra Concebida
Calco N°1
Crt-Esboço N°2

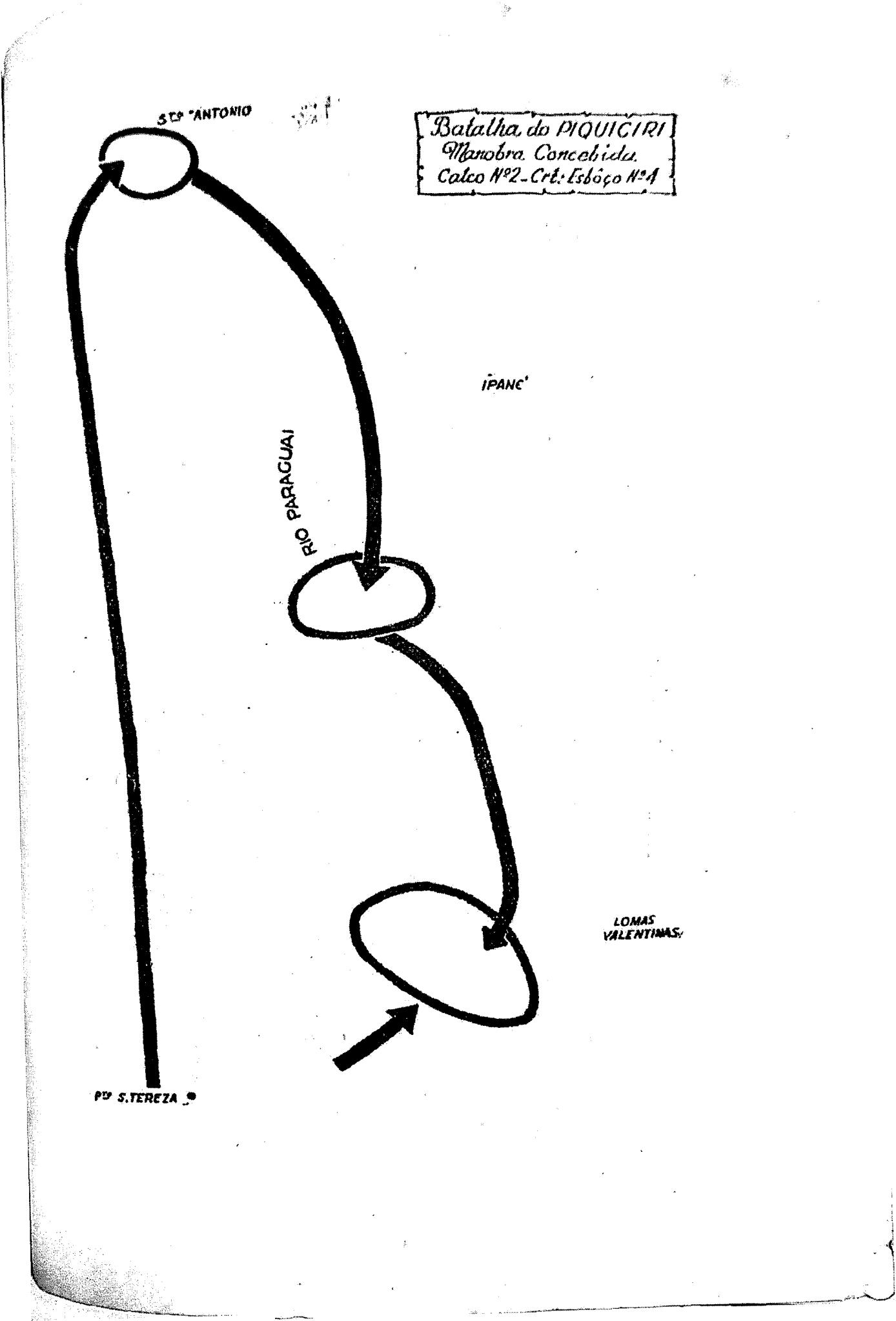


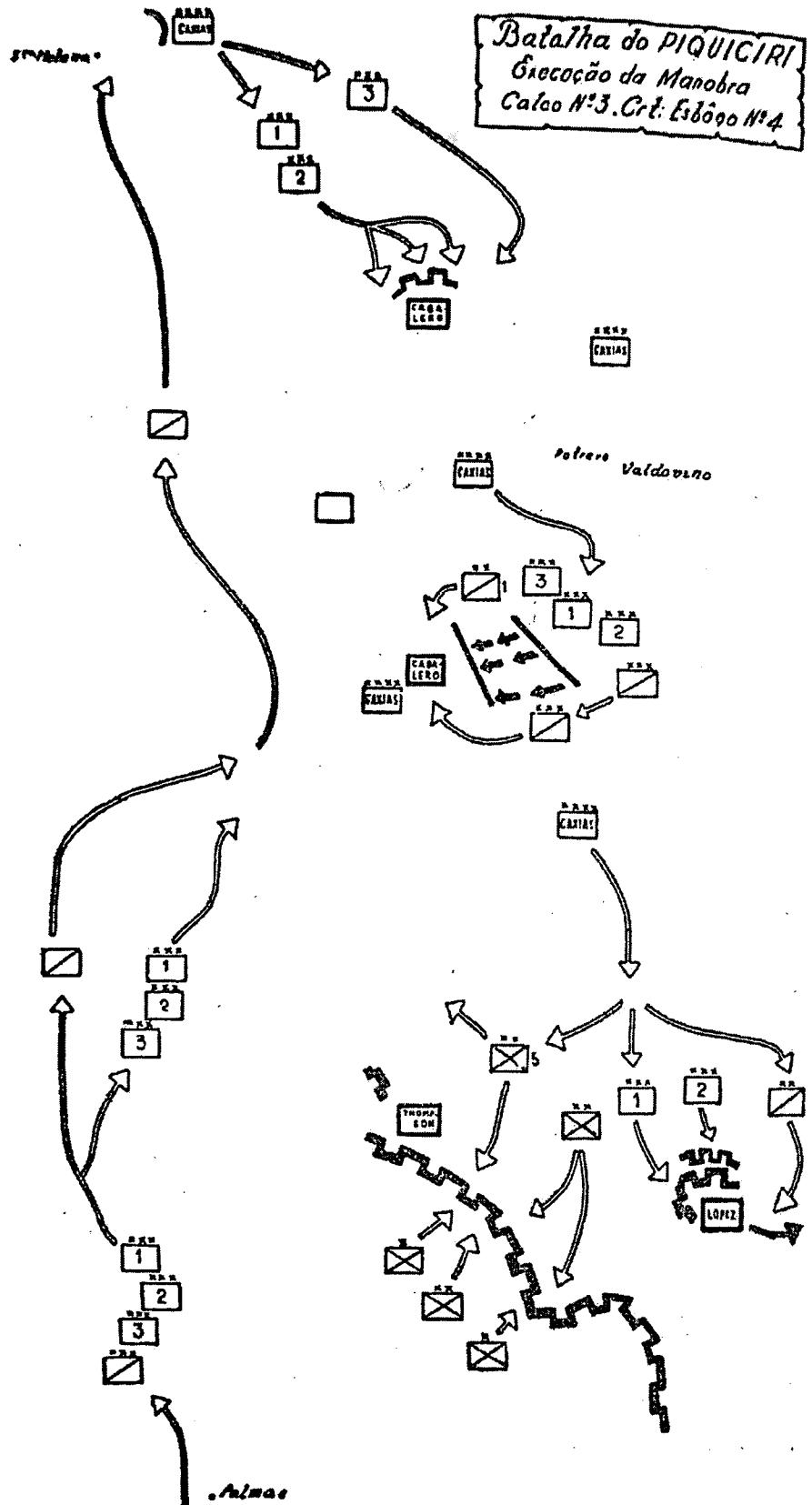
*Marcha do Exército Brasileiro,
de Villa del Pilar a Palmas*



GABINETE FOTOCRÁTICO DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO







SMG
IMPRENSA DO EXÉRCITO
RIO DE JANEIRO — 1959

